



# **O QUE É HOMOSSEXUALIDADE?**

Peter Fry e Edward MacRae

Coleção Primeiros Passos

## ASSUMINDO UMA POSIÇÃO

“O que é a homossexualidade?” Esta pergunta tem como pressuposto que a homossexualidade é alguma coisa. O problema é que a homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o ates relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Assim, ela é uma coisa na Grécia Antiga, outra coisa na Europa do fim do Século XIX, outra coisa ainda entre os índios Guaiáqui do Paraguai. Com este mesmo raciocínio, a homossexualidade pode ser uma coisa para um camponês do Mato Grosso, outra coisa para um candidato a governador do Estado de São Paulo em 1982 e, de fato, tantas coisas quanto os diversos segmentos sociais da sociedade brasileira contemporânea.

Um homem de Belém, por exemplo, pode tranquilamente manter relações sexuais com uma pessoa que considere uma bicha. Para ele, não tem nada de diferente nesta atividade. Nem por isso ele é menos homem. Até poderia se considerar mais macho que nunca. Da mesma forma, um jovem rapaz na cidade de São Paulo poderia manter uma relação sexual com um senhor mais velho em troca de alguns cruzeiros. Como o nosso amigo paraense não é menos homem por isso e jamais se pensaria como homossexual. Na mesma cidade de São Paulo, um homem universitário, militante do movimento homossexual, pode discordar com o jovem prostituto e afirmar que ele é um homossexual só que não sabe, não tem consciência.

Este mesmo rapaz poderia chegara dizer que todos os homens têm “uma porção mulher” e que todo mundo tem um lado homossexual mesmo se latente e escondido. Esta mesma opinião poderia ser emitida por um psicanalista “progressista”. Outro psicoterapeuta, mais “conservador”, poderia dizer que quem pratica o homossexualismo é um doente mental e que é capaz de ser curado. Se este terapeuta fosse de tendências behaviouristas, poderia

receitar terapia de aversão. O “paciente” seria sujeito à náusea quimicamente induzida, ao mesmo tempo em que vê numa tela a fotografia de um homem nu. Ao se recuperar da náusea, e ao se sentir mais tranqüilo e contente, aparecia uma fotografia de uma bela mulher.

Nesta mesma cidade de São Paulo, poderíamos encontrar um espírita que acredita que os homossexuais masculinos são o resultado da encarnação de um espírito feminino num corpo masculino, enquanto um candomblezeiro poderia pensar que era homossexual por ser filho da orixá feminina Iansã. Um delegado de polícia poderia pensar que os homossexuais são uma ameaça à ordem pública e instaurar uma operação limpeza no centro da cidade, atemorizando os homossexuais na rua com prisões e violências ilegais. Outro advogado poderia gastar tempo e energia de graça para libertar estas pessoas, partindo da firme convicção de que homossexuais não são mais perigosos que quaisquer outras pessoas.

O nosso amigo militante poderia achar que *gay is beautiful* é tão absolutamente simpático e “normal” quanto qualquer outra pessoa, e passear na avenida Ipiranga de mãos dadas com seu amante. Outra pessoa poderia sentir a mais abjeta vergonha da sua vontade de ter relações sexuais com outros do mesmo sexo e restringir sua atividade sexual à escuridão do cinema ou ao anonimato de um banheiro público, ou a nada.

Como saber o que é a homossexualidade quando nesta sociedade brasileira existem tantas opiniões contraditórias e mal-encontradas a respeito do assunto? Aonde começar? Em quem acreditar?

Em vez de tentar responder diretamente a esta pergunta, que implicaria ser este livro simplesmente mais uma receita que pretendesse ser um prato com paladar melhor que os outros, iremos numa outra direção. Partiremos do pressuposto de que não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as idéias e práticas a ele associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo destas sociedades.

Assim, queremos arrancar a homossexualidade do campo da psicologia e da medicina, que têm se apropriado do assunto crescentemente desde os meados do século XIX, para colocá-la no campo do estudo da cultura e da política no seu sentido mais amplo.

De fato, estamos apenas aplicando à área da homossexualidade algumas idéias já plenamente aceitas nas discussões sobre outras áreas do comportamento humano. Desde que Margaret Mead escreveu seus dois famosos livros, *Sexo e Temperamento* e *Macho e Fêmea*, em 1935 e 1949 respectivamente, e especialmente desde o surgimento do feminismo moderno, a distinção entre sexo fisiológico e sexo social (papéis sociais) tem sido discutida cada vez mais. A partir da constatação de que os papéis sexuais de -homeme “mulher” variam de cultura para cultura e de época para época, é agora um lugar-comum observar que cada sociedade, classe e região tem a mulher e o homem que merece. Ninguém hoje em dia acredita que as diferenças de comportamento entre os dois sexos possam ser explicadas apenas em termos de diferenças biológicas, pois reconhece-se que os papéis sexuais são forjados socialmente.

Cria-se, então, uma série de expectativas a respeito do comportamento considerado apropriado aos homens e mulheres de acordo com sua posição social. Estas expectativas, nem sempre conscientes, são impostas através de uma série de mecanismos sociais. Desde o berço, meninos e meninas são submetidos a um tratamento diferenciado que os ensina os comportamentos e emoções considerados adequados. Qualquer “desvio” é reprimido e recupera-se o “bom comportamento”.

O interessante é que este mesmo raciocínio é raramente usado quando se discute a homossexualidade. De alguma forma, a tendência é de acreditar que homossexuais masculinos e femininos são biologicamente ou psicologicamente tão diferentes dos assim chamados heterossexuais, que seu comportamento pode ser compreendido em termos mais psicológicos e biológicos que sociais. É tido como “natural” que o homossexual masculino

seja “afeminado” e a homossexual feminina “máscula”, e assim as “bichas” e “sapatões” do folclore brasileiro adquirem o status de uma condição que nunca é social, mas sim natural. É também tido por muitos que os homossexuais são doentes ou, ao menos, neuróticos.

O nosso argumento é que as pessoas chamadas “homossexuais” não sofrem de nenhuma “condição”, mas que acabam, isto sim, sendo levadas por pressões sociais, em grande parte, a desempenhar variações pouco ortodoxas dos papéis sociais normalmente atribuídos aos homens e às mulheres. Nas pequenas tribos, estes papéis e a maneira pela qual a homossexualidade é pensada são mais ou menos homogêneos, isto é, são compartilhados por todos os membros destas sociedades. Mas, nas sociedades industrializadas que são altamente diferenciadas socialmente, como é o caso da sociedade brasileira, existem vários “papéis homossexuais” variando de região para região e de segmento social para segmento social. Além disso, estes “papéis homossexuais” se transformam ao longo do tempo paralelamente a outras transformações sociais.

Mas, se é verdade que há tantas maneiras de representar e praticar a homossexualidade quanto há sociedades, épocas históricas e grupos distintos nestas mesmas sociedades, uma verdadeira resposta, à nossa pergunta implicaria uma série de tomos, começando pela Grécia Antiga, passando por todas as sociedades indígenas, por todas as sociedades industrializadas e pela sociedade brasileira em toda sua complexidade, desde o descobrimento até agora.

Pressupondo que os leitores deste livro estejam basicamente interessados em pensar sobre a homossexualidade no que tange às suas próprias vidas cotidianas, resolvemos tomar a situação brasileira contemporânea como ponto de partida para reflexão. Informações sobre as maneiras de encarar e praticar a homossexualidade de outras épocas e outras culturas serão incluídas na medida em que impingem diretamente sobre a cultura brasileira ou na medida em que ajudam, de alguma maneira, a entender certos aspectos desta

sociedade. Por exemplo, achamos que os índios Guaiiqui do Paraguai e algumas tribos da América do Norte tiveram uma maneira de significar relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, cujos princípios básicos, isto é, a “masculinidade” e a “feminilidade”, são muito parecidos com aspectos da situação brasileira contemporânea, que podemos encontrar, principalmente, nas prisões, nos colégios, nas zonas rurais e nos subúrbios das grandes cidades.

Como os médicos e psicoterapeutas brasileiros se formaram e se formam de acordo com paradigmas muitas vezes produzidos nos centros universitários europeus e americanos, buscaremos nesses lugares subsídios para entender as condições históricas da produção destes paradigmas. Como o Brasil não é uma ilha, mas sim parte da economia mundial (o FMI que o diga), é claro que, ao discutir as idéias e práticas que surgem nos centros de produção de conhecimentos e que são veiculadas pelos órgãos de comunicação de massa, não podemos ignorar o fluxo de informação e idéias que passa pela alfândega brasileira. Assim, ao discutir a organização e idéias do movimento homossexual no Brasil, teremos de levar em consideração a história deste movimento desde suas origens na Europa no século XIX.

A proposta deste livro então é de examinar as várias idéias, representações e práticas associadas à noção de relações sexuais/afetivas entre pessoas do mesmo sexo no Brasil, como vozes muitas vezes discordantes, cada uma tentando ser ouvida mais que as outras. No campo da teoria econômica são produzidas várias teorias cujos proponentes lutam entre si para fazer valer sua opinião. Na política partidária, isto é feito através de eleições (quando tem), mas, no campo da sexualidade humana, a luta é engajada em todas as áreas da sociedade, nos consultórios médicos, nas delegacias de polícia, na rua, nos bares, na sala de visitas e na cama. Uns procuram legitimidade para suas opiniões, reivindicando a “objetividade” da ciência, outros invocam a autoridade de Deus (e é curioso notar que um único Deus pode legitimar tantas diferentes formas de encarar a homossexualidade),

enquanto os movimentos homossexuais invocam a legitimidade da representação de uma minoria oprimida. Nós mesmos invocamos a postura relativizante da antropologia social para legitimar o nosso procedimento que é de enxergar a questão do homossexualismo como sendo essencialmente uma questão política e cultural.

Partindo da observação de que as práticas e as idéias associadas à homossexualidade variam de contexto e de cultura para cultura, e de segmento para segmento numa sociedade estratificada como a brasileira, nós nos interessamos em tentar compreender esta variação em relação a outras variações culturais e estruturais. Assim estaremos interessados em procurar, entre outras coisas, a lógica social das idéias e práticas associadas à homossexualidade e sua significação. Deste modo, as várias categorias que surgiram para “explicar” a homossexualidade, como aquelas que atribuem o desejo homossexual a certas constelações familiares, aquelas que apontam para fatores genéticos e hormonais e aquelas que propõem explicações religiosas serão examinadas em relação a outras teorias concomitantes a respeito da família e, porque não, da economia política.

De fato, nenhuma das teorias existentes sobre as causas de homossexualidade nos convence e a nossa tendência é de tratá-las todas, sem exceção, como produções ideológicas. Desta ótica relativizante, estas teorias dizem muito mais sobre pessoas que as articulam, dos contextos sociais e culturais onde são produzidas do que sobre a “homossexualidade” em si.

Esta perspectiva “antropológica” e relativizante, que vê a homossexualidade mais como fato social que fato biológico ou psicológico, é apenas uma opção possível. Temos consciência, porém, de que o nosso próprio pensamento é também fruto da nossa posição social e deste momento histórico, e apenas oferecemos como mais uma voz na cacofonia geral sobre a sexualidade. Mas é claro que temos uma certa convicção da relevância destas idéias e esperamos conseguir convencer algumas pessoas ao longo do nosso livro.

Além desta postura relativizante, temos, é claro, as nossas próprias idéias a respeito da homossexualidade, que são as mais simples possíveis. Desejos homossexuais são socialmente produzidos como são também produzidos desejos heterossexuais. Para nós, um, ou outro ou ambos têm o mesmíssimo valor e devem ser vistos com a mesma perplexidade normalmente apenas reservada para a homossexualidade. Como estamos conscientes da historicidade dos próprios conceitos de “homossexualidade” e “heterossexualidade”, vislumbramos também um dia em que este livro e seu título serão vistos como curiosidade da década de 1980.

## É PROIBIDO PROIBIR? (BRASIL 1968-1982)

Em 1968 Caetano Veloso mais uma vez provocou um escândalo. Em plena era da constelação cultural e política, quando imperava o padrão Geraldo Vandré entre a juventude que se achava consciente e conhecedora dos caminhos corretos para a transformação da sociedade brasileira, ele teve a desfaçatez de se apresentar com guitarras elétricas (escândalo!) e roupa de plástico. O nome da música “E proibido proibir” ecoava as palavras de ordem do conhecido movimento operário-estudantil que irrompeu naquele ano em Paris e reportavam a uma espécie de anarquismo inadmissível, tanto para a direita quanto para a esquerda bem pensante.

Tão afrontoso foi este comportamento às idéias estabelecidas sobre a música popular brasileira e às idéias políticas vigentes entre um setor expressivo da juventude, que o público não permitiu que terminasse a canção, interrompendo-a com vaias de extrema agressividade. Isto levou Caetano a parar de cantar e a fazer um pequeno discurso em que ele disse que se era essa a juventude brasileira e se ela entendesse tanto de política quanto de estética, nós estávamos feitos. Pouco depois, ele foi confinado em Salvador pelas autoridades militares, teve seu cabelo cortado e, depois de certo tempo, foi obrigado a sair do país. Temos aqui uma mesma pessoa em espaço de pouco tempo sofrendo uma violenta repressão tanto por parte da direita quanto da esquerda da época.

Mas por que começar um livro sobre homossexualismo falando de um incidente em que tal assunto nunca entrou em pauta? A razão é muito simples. Se o assunto não estava em pauta, estava certamente presente, pois Caetano estava pondo em questão, entre outras coisas, a rígida separação entre o comportamento convencional “feminino” e “masculino” e, talvez mais sério para a época, a rígida separação entre política e a vida cotidiana. O fato de que

Caetano é hoje um dos grandes ídolos da novíssima geração parece indicar que alguma coisa mudou nesse plano e é um dos aspectos desta mudança que vamos abordar neste livro.

No começo da década de setenta, Caetano voltou e em suas apresentações ele se vestia de baiana, usava batom e fazia trejeitos à Ia Carmem Miranda. Quase simultaneamente surgia nos palcos um grupo de rapazes estranhíssimos, que se chamava “Dzi Croquettes”. Apresentando um espetáculo de dança e de humor, combinando de forma inusitada barbas cerradas com cílios postiços, meias de futebol com sapatos de salto alto e soutiens com peitos peludos, eles levavam as ousadias de Caetano até (quase) às últimas conseqüências. O show, um imenso sucesso, começava com a declaração: “Nós não somos homens, nem somos mulheres. Nós somos gente, computada igual a vocês!”, e continuava entre trejeitos e micagens nem viris nem femininas (ou, se preferir, tão viris quanto femininas) num deboche apoteótico dos papéis sexuais convencionais.

Apesar de fazerem questão de afirmar que não tinham um projeto político, acabaram sendo o foco de algo que tinha as características de um movimento de massa. Bom, uma micromassa, pelo menos. As pessoas que seguiam os Dzi Croquettes, para quem eles inventaram o termo “tietes”, eram fortemente atraídas pelos aspectos contestatórios tanto do seu espetáculo como do seu modo de viver. Devemos lembrar que esta era a época de maior repressão da ditadura após AI-5, quando a censura e a violência policial militar sufocavam quaisquer questionamentos do sistema vigente, entendido no seu sentido mais amplo.

Numa época em que ao sair do teatro deparava-se costumeiramente com viaturas da polícia fazendo questão de mostrar seu poderio bélico, apontando canos de metralhadoras pelas janelas, o deboche bem-humorado dos Dzi Croquettes parecia abrir uma brecha para a expressão de alguma forma de não-conformismo. Se não era possível criticar publicamente o regime ou o sistema econômico, questionava-se as bases sagradas da vida cotidiana.

Vivia-se comunitariamente, experimentava-se novas formas de consciência propiciadas pelo uso de drogas e, o que é mais importante para nós aqui, colocava-se em questão a moral sexual.

Outros grupos trilhavam caminhos parecidos, como, por exemplo, os “Secos e Molhados”, cuja figura mais expressiva, Ney Matogrosso, continua na mesma linha, ainda que hoje choque menos que antes. Como se vê, as coisas mudam e é interessante observar como o questionamento dos papéis sexuais pode ser transformado em produções artísticas legítimas e amplamente “curtidas”, até pelo atual público de Ney, em que parecem predominar respeitáveis vovozinhas e seus netinhos.

Enquanto durava o sufoco, pouco mais era possível e a contestação permanecia confinada a pequenos grupos ou a um minúsculo setor social freqüentador deste tipo de espetáculo teatral. Somente com o relativo abrandamento da censura e a assim chamada abertura política que começou em 1978, foi possível uma veiculação mais abrangente e sistemática destas questões. Neste mesmo ano apareceu o jornal *Lampião*, editado no Rio de Janeiro por jornalistas, intelectuais e artistas homossexuais que pretendiam originalmente lidar com a homossexualidade procurando forjar alianças com as demais “minorias”, ou seja, os negros, as feministas, os índios e o movimento ecológico. Embora este projeto de aliança não tenha tido o sucesso desejado, o jornal certamente foi de grande importância, na medida em que abordava sistematicamente, de forma positiva e não pejorativa, a questão homossexual nos seus aspectos políticos, existenciais e culturais.

Apesar do abrandamento da censura e do fato de a homossexualidade nem sequer ser mencionada no Código Penal Brasileiro, em 1979 instaurou-se um inquérito policial contra os editores do *Lampião*, que seriam acusados de infringir a Lei de Imprensa por contrariar a “moral e os bons costumes”. Anteriormente fora processado outro jornalista, Celso Curi, que escrevia regularmente no jornal *última Hora*, de São Paulo, a “Coluna do Meio”, espaço reservado para fofocas e informações sobre o meio homossexual.

Apesar de estas ações policiais e judiciárias serem arquivadas, depois de complicadíssimos trâmites legais, o fato é que tanto aquele jornalista quanto os editores do *Lampião* passaram meses de intimidação e humilhação. Estes últimos foram salvos em parte pelo apoio do Sindicato dos Jornalistas, cujos advogados os defenderam. Seguramente era um sinal de que a homossexualidade deixava de ser objeto apenas de escárnio, começando a ser reconhecida a legitimidade de suas reivindicações.

Este ano de 1978 também viu o nascimento do Movimento Negro Unificado, o pleno desabrochar do movimento feminista e o surgimento dos primeiros núcleos do movimento homossexual no Brasil. Logo após o surgimento do jornal *Lampião*, um grupo de artistas, intelectuais e profissionais liberais, descontentes com uma vida social restrita a boates e bares do “gueto” homossexual, começou a se reunir semanalmente em São Paulo. Visando originalmente discutir as implicações sociais e pessoais de sua orientação sexual, eles fizeram sua primeira manifestação pública através de uma carta aberta ao Sindicato dos Jornalistas protestando contra a forma difamatória com que a “imprensa marrom” apresentava a homossexualidade.

Em fevereiro de 1979, os membros deste grupo já agora batizado de “SOMOS - Grupo de Afirmação Homossexual” apareceram pessoalmente em público durante um debate sobre as minorias, promovido na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. A importância deste debate é que marcou mais uma vez a crescente importância do movimento homossexual como interlocutor legítimo na discussão dos grandes assuntos nacionais. Além disso, foi uma experiência catártica que aumentou a confiança dos participantes e deu impulso à formação de outros grupos similares em São Paulo e outras cidades como também em vários estados.

Na Semana Santa de 1980, todos estes grupos se encontraram em São Paulo para trocar idéias sobre a identidade homossexual, a relação entre o movimento homossexual e os partidos políticos e formas de atuação e organização. Nestas discussões, embora houvesse bastante polêmica e a

expressão de diversos pontos de vista, ficou evidente uma generalizada antipatia para com quaisquer formas de autoritarismo, seja no interior de partidos políticos (de direita e de esquerda), seja nas relações entre homens e mulheres, seja também entre pessoas do mesmo sexo. As soluções propostas enfatizaram, então, a autonomia do movimento homossexual em relação aos partidos políticos e o apoio ao feminismo na luta contra o machismo. No mesmo sentido criticava-se a reprodução do “machismo” nas relações homossexuais. Contra a dicotomia “ativo/passivo”, “dominador/dominado”, “bofe/bicha”, “fanchona/lady”, propunha-se uma nova identidade homossexual e relações sexuais/afetivas essencialmente igualitárias.

Embora nós tenhamos falado até agora dos movimentos propriamente ditos, não podemos deixar de falar a respeito do que já foi chamado de “movimentação” homossexual, que lhes serve como pano de fundo e que atinge diretamente um número muito maior de pessoas.

De fato não foi o movimento homossexual que iniciou esta reformulação da velha visão dos homossexuais como rapazes efeminados e mulheres-machos, pois na década de 1960 surge um novo termo para nomear uma figura social cada vez mais comum e aceita, o “entendido” e a “entendida”, uma espécie de equivalente tupiniquim do gay, que se alastra nos Estados Unidos na mesma época. O “entendido” e o gay vieram a denominar fundamentalmente pessoas que “transam” pessoas do mesmo sexo sem que adotassem necessariamente os “trejeitos” associados às figuras da “bicha” ou do “sapatão”. Ao contrário destas, as novas palavras não são pejorativas.

A peculiaridade dos primeiros grupos do movimento homossexual é que resolveu rejeitar tanto “entendido” como gay, preferindo ficar com o velho termo “bicha”. Propondo uma nova “bicha”, militante e consciente, a idéia era de conseguir esvaziar, tanto a palavra quanto o conceito que representava de suas conotações negativas. Se autodenominar de “bicha” veio a ser uma maneira de “assumir” uma homossexualidade considerada mais “consciente” do que a dos gays e “entendidos” e obrigar a opinião pública a reconsiderar

suas atitudes em geral. Mais tarde, outros grupos viriam a adotar outras estratégias, como é o caso do Grupo Gay da Bahia, que adotou o termo americano.

Nesta mesma época em que surgem os “entendidos”, dá-se também uma notável proliferação de empreendimentos comerciais orientados para o mercado homossexual, principalmente, bares, discotecas, saunas e revistas eróticas. Foi numa destas discotecas que se realizou a festa de confraternização depois do primeiro encontro nacional dos grupos de homossexuais organizados. A euforia generalizada reinou até o momento do show que a casa costumeiramente oferecia depois da meia-noite. No palco apareceram duas personagens, um homem com corpo e porte de halterofilista e um travesti, Fedra de Córdoba. Enquanto o “machão” permanecia imóvel, em pé e com as costas para o público, o travesti fazia literalmente de tudo para conquistá-lo: rebolava, se insinuava, colocando-se num papel de absoluta e estereotipada subserviência.

Representava-se em cena o clássico jogo do homem forte e dominador e da mulher fraca e dominada. Ainda excitados com a emoção das discussões da reunião daquele dia e imbuídos com sentimentos de igualdade e fraternidade, os militantes homossexuais não puderam conter a sua indignação perante esta demonstração do que eles consideravam grotesco machismo. Vaiaram estrondosamente o espetáculo e obrigaram os artistas a se retirarem de cena. Ficou mais que evidente o abismo existente entre a ideologia igualitária dos grupos organizados e os princípios de comportamento vigentes no meio homossexual como um todo. E, o que era provavelmente uma brincadeira, pouco representativa das reais formas de relacionamento homossexual em São Paulo, um exemplo do humor satírico e irônico do mundo gay, foi interpretado quase que puritanamente pelos militantes. (Porém não sejamos injustos, e lembremos que todo movimento que propõe mudanças radicais freqüentemente é levado a excessos de zelo pelas suas convicções a adotar

posturas intransigentes.) Mas é através de situações como esta que se dramatizam idéias em conflito e que se efetuam mudanças.

Durante esses incidentes, um dos grupos mais exaltados foi o das lésbicas. Já ao longo das discussões elas se haviam empenhado profundamente nessa questão de reprodução do “machismo” nas relações homossexuais. E de fato esse é um assunto que parece tocá-las muito de perto, por duas razões. Primeiro, dentro do chamado “gueto lésbico”, a manutenção da dicotomia “ativo/passivo” (fanchona/lady) é extremamente acentuada. Esta sempre foi alvo de críticas e tentativas de transformação por parte das militantes dos grupos organizados. Segundo, como mulheres, para elas era muito real a opressão exercida pelos homens. Afinal, o feminismo já há algum tempo vinha fazendo este tipo de crítica, e as lésbicas ultimamente vinham se aproximando dos grupos feministas, apesar de terem sofrido um rechaço inicial. Lutavam, portanto, em duas frentes: contra as relações dominador/dominado entre os sexos e contra a sua reprodução no meio homossexual.

Desde os debates na USP, várias mulheres haviam sido atraídas aos grupos homossexuais embora sempre estivessem em minoria. Apesar de inicialmente não pleitearem nenhum tratamento especial - afinal, reinava a ideologia da igualdade total -, logo começaram a sentir a necessidade de terem pelo menos um subgrupo exclusivo para elas, onde pudessem discutir com mais profundidade os seus problemas específicos, difíceis de levantar e desenvolver em reuniões com participação predominantemente masculina. Foi nessa época que elas começaram a ter contatos mais próximos com os grupos feministas atuantes em São Paulo desde meados da década de 1970.

Deste contato resultou uma aguçada sensibilidade das sutilezas do machismo até enxergarem a sua presença mesmo no movimento homossexual. Começava a ficar evidente para elas que, mesmo entre os militantes homossexuais apesar da ideologia de igualdade, eram os homens que dominavam as discussões e as tomadas de decisão. Além disso, elas

reclamavam da misoginia pouco disfarçada nas brincadeiras e nas formas de tratamento usadas pelos homens. Especialmente irritante para elas era o uso freqüente do termo “racha” para designar qualquer mulher e a mania dos homens de se tratarem uns aos outros como se fossem eles próprios mulheres. As tensões aumentaram e, pouco tempo depois disso, aproveitando o ensejo de uma briga entre os homens que já começava a ameaçar a coesão do grupo Somos, as lésbicas deste grupo resolveram optar por uma total autonomia. Fundaram o Grupo de Ação Lésbico-Feminista em maio de 1980.

Já por esta época, um delegado de polícia, José Wilson Richetti, começou uma cruzada moralizante com o fim de “limpar” o centro da cidade de prostitutas e homossexuais. Os métodos eram os de sempre: batidas relâmpago nos locais de reunião, a prisão ilegal para averiguação de antecedentes, mesmo no caso de pessoas com seus documentos em ordem, e o emprego de uma brutalidade extremada especialmente no caso de prostitutas e travestis. O movimento homossexual reagiu e, acionando os seus contatos com os movimentos feminista, negro e estudantil, promoveu uma inusitada passeata pelo centro da cidade como forma de protesto. Quase mil pessoas atenderam à chamada, prostitutas, alguns membros dos movimentos negro, estudantil e feminista, mas sobretudo um grande contingente de homossexuais, que deram o tom do evento através de palavras de ordem do tipo: “Agora, já, queremos é fechar”, “ABX, libertem os travestis”, “Richetti é louca, ela dorme de touca” etc...

O deboche e a gozação entram no cenário político, normalmente dominado por acontecimentos bem mais “sérios”. E, contra críticas de setores oposicionistas mais tradicionais, foi mantido por militantes homossexuais que estas palavras de ordem refletiam a natureza profundamente subversiva e anarquizante da experiência homossexual sempre disposta a questionar os valores sagrados tanto da direita quanto da esquerda, expondo-os ao ridículo. E talvez a mesma tradição que irrompeu no “proibido proibir” de Caetano e no espetáculo dos Dzi Croquettes.

Esta passeata representou uma espécie de apoteose da militância homossexual em São Paulo que, depois disso, teve que enfrentar sérios problemas como a extinção do jornal *Lampião*, o fracionamento de vários grupos e o desaparecimento de outros. Embora o *Lampião* nunca tenha se colocado como porta-voz do movimento e tenha sempre afirmado a total autonomia de sua linha editorial, ele servia como ponto de referência e disseminava no país inteiro notícias sobre as atividades dos grupos. Durante certo tempo reinava um clima de desânimo e desconfiança. Um projeto inicial de grandes mudanças a curto prazo parecia tornar-se menos viável e o movimento sentiu-se sem rumo.

Os grupos sobreviventes conseguiram encontrar novas formas de atuação apropriadas à atual situação e às possibilidades oferecidas em cada localidade. O grupo *Somos de São Paulo*, por exemplo, além das suas atividades normais, alugou uma sede onde são realizados plantões dominicais de apoio e orientação para homossexuais não-pertencentes a nenhum grupo.

Talvez um dos desenvolvimentos mais interessantes e frutíferos seja a campanha promovida pelo Grupo Gay da Bahia, de Salvador, visando a eliminação no código do INPS do item 302.0, que classifica o homossexualismo como desvio mental. A importância desta iniciativa se deve ao fato desta classificação do INPS ser uma das únicas instâncias onde se discrimina oficialmente a homossexualidade no Brasil. A campanha se alastra por grande parte do Brasil e já conseguiu a adesão de milhares de assinaturas para seu abaixo-assinado, não só de homossexuais, mas de uma grande proporção de outras pessoas, muitas delas personalidades destacadas no mundo científico, artístico e político. Além de batalhar por este abaixo-assinado, o Grupo Gay da Bahia conseguiu também declarações oficiais de apoio de entidades como a Associação Brasileira de Antropologia e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Tenta-se desta forma exorcizar o fantasma da doença que paira sobre esta orientação sexual.

Este brevíssimo esboço de alguns acontecimentos ligados à homossexualidade nos últimos 15 anos concentrou-se nos aspectos da política sexual mais evidentes e públicos. Mas é de se lembrar que, ao mesmo tempo em que os movimentos homossexuais surgiram com o propósito de repensar a identidade homossexual e combater o preconceito social em todas as suas manifestações, a homossexualidade se tornou muito mais visível em geral para o público como um todo. A imprensa dedica cada vez mais espaço ao assunto, o movimento editorial aumenta (este livro é um exemplo) sem falar da televisão. Nos últimos dois anos surgiram personagens explicitamente homossexuais que gozam de uma popularidade enorme do Oiapoque ao Chuí; Painho de Chico Anísio e Capitão Gay de Jô Soares com seu fiel escudeiro Carlos Suely. Homossexualidade é certamente negócio hoje em dia e não é preciso observar que o capital só avança onde há promessas de lucro. Muita gente acredita que houve um aumento da homossexualidade, mas não se pode confundir a existência de um fenômeno com sua visibilidade social. Não há evidência nenhuma de que a homossexualidade aumentou. O que aconteceu, isto sim, é que com a gradual redução do estigma social, ela se esconde menos e se assume mais.

Refletindo esta maior visibilidade, até alguns partidos políticos de oposição, como o PT e o PMDB, têm tomado posições favoráveis aos direitos humanos dos homossexuais. Durante a campanha eleitoral de 1982, o candidato a governador de São Paulo pelo PT, Lula, fez uma declaração explicitamente manifestando a posição de seu partido de que a homossexualidade não deve ser tratada nem como crime nem como doença. Alguns outros candidatos daqueles dois partidos chegaram a dar uma ênfase ainda maior ao tema, produzindo, por exemplo, panfletos especialmente concebidos para serem distribuídos em lugares de freqüência marcadamente homossexual.

# MULHERES, HOMENS, BERDACHES, BICHAS E SAPATÕES

A economia dos índios Guaiiqui do Paraguai não conhece a agricultura. A comida vem da caça e da coleta de mel e outros produtos da floresta. São os homens que caçam e coletam enquanto as mulheres cozinham, cuidam das crianças e fabricam cestos, potes e cordas para os arcos. Segundo Clastres, o antropólogo que estudou os guaiiqui, esta divisão sexual do trabalho é absolutamente rígida e simbolizada, sobretudo na associação dos homens com os arcos e as mulheres com os cestos. Cada um desses dois instrumentos simboliza dois “estilos” de existência, ou seja, os homens caçam, as mulheres carregam.

Os guaiiqui aprendem esses princípios através de um sistema de proibições: os homens não podem tocar nos cestos e as mulheres não podem tocar nos arcos. Como diz Clastres: “um caçador não suportaria a vergonha de transportar um cesto, ao passo que sua esposa temeria tocar seu arco.... Se uma mulher pensasse em pegar um arco, ela atrairia, certamente, sobre seu proprietário o pané, quer dizer, o azar da caça, o que seria desastroso para a economia dos guaiiqui.”

Clastres conta a história de dois guaiiqui que não conseguiam caçar. Chachubutawachugi (que por conveniência chamaremos de Chachu) não possuía um arco e não sabia caçar. Viúvo, nenhuma mulher o quis e nem a sua família. Sem esposa porque sem arco, e não podendo acompanhar os homens nas suas expedições, se via obrigado a pegar um cesto e acompanhar as mulheres. Krembégi tampouco tinha jeito para a caça. Mas enfrentou esta situação de maneira diferente de Chachu. Vivia com as mulheres, deixou crescer seus cabelos, aprendia a fabricar adornos, enfim, ele se agarrou ao cesto. Além disso, Krembégi gostava de se relacionar sexualmente de maneira “passiva” com os homens e foi chamado de kyrypy-meno, ou “ânus-fazer-

amor”. Os homens caçadores o procuravam sexualmente de vez em quando como se fosse mulher, e é importante notar que, do ponto de vista do resto da tribo, a masculinidade deles não era prejudicada por isso.

Clastres não fala das mulheres que se sentiam atraídas por outras mulheres e sobre isso, portanto, não podemos falar. Sobre os homens, entretanto, parece claro que entre os guaiáqui a masculinidade se baseia em dois pontos fundamentais: no uso do arco e num papel “ativo” nas relações sexuais. Por outro lado, a feminilidade se baseia no uso do cesto e relações sexuais “passivas”. Quando um homem quebra uma das regras básicas da masculinidade, ele se torna uma pessoa malvista (Chachu). Porém, ele pode recuperar uma certa posição na sociedade cruzando a barreira entre os sexos e assumindo o papel social e sexual da mulher como no caso de Krembégi.

De acordo com Clastres, “Chachubutawachugi era objeto de caçada geral, se bem que desprovida de verdadeira maldade: os homens o desprezavam bastante nitidamente, as mulheres dele riam à socapa, e as crianças tinham por ele um respeito muito menor do que pelos outros adultos. Krembégi ao contrário não despertava nenhuma atenção especial; consideravam-se evidentes e adquiridas a sua incapacidade como caçador e a sua homossexualidade.

O que parece mais ou menos claro é que, nesta sociedade, uma forte distinção entre masculinidade e feminilidade é acompanhada por uma igualmente forte distinção entre “atividade” e “passividade” sexual. Assim, os homens que mantiveram relações sexuais “ativas” com Krembégi não sofreram nenhuma alteração no seu status de homens. Supõe-se, então, que aos homens guaiáqui eram permitidas relações heterossexuais e homossexuais, contanto que eles mantivessem em ambas um papel “ativo”. Supõe-se, também, que o homem que desejasse manter relações homossexuais “passivas” sofreria realmente um rebaixamento de status, se transformando em kyrypy-meno. Esse rebaixamento poderia ser bastante amenizado através do simples expediente de trocar de papel sexual: “virar mulher”.

Supõe-se também que os homens que desejassem manter relações homossexuais “passivas”, mas que não queriam enfrentar estas conseqüências quase que inexoráveis, teriam que reprimir seus desejos totalmente, pois numa sociedade deste tipo, onde não há nenhuma privacidade, era impossível praticar uma atividade desse gênero sem que a notícia se espalhasse imediatamente.

Na América do Norte, encontramos algo parecido. Em muitas tribos indígenas, como entre os guaiiqui, era perfeitamente possível um homem se “transformar” em mulher e até casar com outro homem. Estas pessoas eram conhecidas como homens-mulher. Inversamente, mulheres também se “transformavam” socialmente em homens, também chegando muitas vezes a se casar com outras mulheres. São as mulheres-homem. Estes berdaches, como são chamados genericamente, como Krembégi, em geral eram bem aceitos e em muitos casos lhes eram atribuídos poderes excepcionais de cura e de profecia.

O caso de uma mulher da tribo Kutenai, ququnok patke. Nascida nos fins do século XVIII, era robusta e forte de tal forma que nenhum rapaz se interessava por ela. Após um casamento com um colonizador canadense, voltou para a tribo, agora vestida de homem e portando uma espingarda, arco e flechas. Além disso, reivindicou poderes sobrenaturais. Tentou casar com uma menina, mas não conseguiu e teve que se satisfazer com viúvas e mulheres separadas de seus maridos. Adentrou cada vez mais no papel masculino, tornando-se exímio jogador de cartas, caçador e guerreiro. Algumas testemunhas reportam que também tinha o dom da profecia, chegando a prever o fim da colonização branca na área. Dizem também que era grande curadora e há evidências de que desempenhou um importante papel de intermediária na disputa entre os Blackfeet e Flatheads. Parece também que morreu neste exercício, nas mãos dos Blackfeet.

Poderíamos contar mais casos, pois chamou muito a atenção dos colonizadores e exploradores que escreveram suas impressões em diários e

livros. Nestas descrições parece que as mulheres que voluntariamente trocavam de papel sexual acabavam sendo melhores “homens” que os homens de verdade. Eram valentes, corajosas e boas provedoras. Da mesma forma, parece que os homens que se transformavam em “mulheres” desempenhavam de forma excepcional as tarefas femininas, tornando-se exímios ceramistas e tecelões. Mas o que é realmente interessante, e que distingue os berdaches da situação guaiáqui, é que quase sempre lhes eram atribuídos poderes sobrenaturais de cura e profecia.

Dado o etnocentrismo que contamina a maior parte do material histórico e antropológico sobre esse assunto, é difícil determinar como eram de fato os berdaches e como eram tratados antes da colonização. Uns autores da época colocam-nos em verdadeiros pedestais como pessoas altamente respeitadas e até veneradas. Outros, mais interessados em promover a moral européia, enfatizam um outro lado, insistindo que eram também objetos de ridicularização. O fato é que há várias maneiras de rir e nunca saberemos se os risos dos índios eram de prazer ou de agressão.

De qualquer forma, é mais ou menos claro que, como entre os guaiáqui, os papéis de homem e mulher eram radicalmente separados e as pessoas que, por uma razão ou outra, não podiam ou não queriam se conformar com os atributos sociais e sexuais associados ao seu sexo biológico, tinham a opção de assumir os atributos do sexo oposto.

Nestas sociedades, então, as pessoas não são classificadas de acordo com seu suposto comportamento sexual homo ou hetero. Não existem identidades sexuais como “o homossexual” na nossa cultura, que define uma pessoa pelo seu suposto gosto por relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. O que existem nestas culturas são identidades sociais e sexuais construídas de combinações de sexo biológico e papéis sexuais. Assim, uma mulher que desempenha o papel feminino (inclusive ela pode manter relações homossexuais e se comportar “femininamente”) é simplesmente uma mulher. Se ela desempenha o papel masculino, ela se torna mulher-homem, ou

berdache. Uma pessoa que é biologicamente masculina e que desempenha o papel social masculino também é definido como um homem. Ele pode manter relações homossexuais enquanto se comporta “masculinamente”, ou o que é freqüentemente chamado de “ativamente”. Se um indivíduo de sexo masculino desempenha o papel feminino, então ele é chamado de homem-mulher, berdache ou, entre os guaiáqui, kyrypy-meno.

Em outras palavras, os sistemas culturais que acabamos de examinar classificam as pessoas basicamente em termos dos parâmetros sexo biológico e sexo social, conforme a figura que segue:

Sexo	Biológico	\	Sexo	Social	Masculino	(arco)	Feminino
(cesto)	Masculino	homem	Homem-mulher,	berdache,	kyrypy-		
	Feminino	mulher-homem,	berdache	mulher			

Olhando para esta figura, podemos constatar que, do ponto de vista dos papéis sexuais, todas as relações sexuais nestas sociedades são, de fato, “heterossexuais”, pois os “masculinos” só se relacionam sexualmente com os “femininos”. Esta figura também nos ajuda a entender por que o Chachu foi chamado por Clastres de “escândalo lógico”. É que ele recusou comprometer-se com um dos possíveis papéis sexuais. Insistiu em ficar em cima do muro que separa a “feminilidade” da “masculinidade”.

Se este quadro parece um tanto exótico ou estranho, queremos lembrar que, mesmo na sociedade brasileira, podemos observar regras e princípios, se não idênticos, pelo menos bastante parecidos, pois na concepção de sexualidade que chamamos “popular” também não existe o ou a “homossexual” definido (a) pura e simplesmente como alguém que prefere a companhia sexual de pessoas do mesmo sexo. A “bicha” e o “viado” parecem mais como kyrypy-meno, e o “sapatão” parece mais com a berdache mulher-homem que o “homossexual” produzido nas classes médias metropolitanas e pelas estufas dos movimentos homossexuais.

É sempre difícil generalizar sobre o Brasil. Diz-se alguma coisa e logo vem alguém para dizer outra. Diz-se algo que é verdadeiro para o Rio de

Janeiro, e logo aparece um paulistano para dizer que em São Paulo tudo é diferente. Falar de papéis sexuais não é exceção. Mesmo assim, gostaríamos de evocar um Brasil um pouco tradicional, mas não muito, que de alguma forma ou outra está presente em cada um de nós. E o Brasil dos homens, mulheres, putas e bichas, que, por falta de uma palavra melhor, chamaremos de um Brasil “popular”.

Como nas sociedades que acabamos de discutir, os papéis sexuais neste Brasil popular são rigidamente separados. Desde a mais tenra infância, meninos e meninas são educados para se portarem como homens e mulheres mais tarde. Os homens deveriam ser fortes, trabalhadores capazes de sustentar sua família, interessados em futebol e outras atividades definidas como masculinas e, sobretudo, não deveriam chorar. Convém também que desde o início da adolescência comecem a ter experiências sexuais. Neste Brasil que estamos evocando, estas experiências podem ser com irmãs, primas, empregadas domésticas ou prostitutas.

As mulheres, por outro lado, aprendem as tarefas de casa e lhes é imbuído o que se chama de instinto materno. Ao contrário dos homens, não podem ter relações sexuais antes de casar, chegando ao casamento ainda virgens. Além disso, ainda neste Brasil popular, uma vez casadas, não deveriam demonstrar muito gosto pelo sexo. Afinal, neste esquema, o sexo é apenas um meio para um fim: a procriação. As mulheres que não seguem este caminho, ou porque não querem ou porque não podem, provavelmente serão classificadas de prostitutas, pois estas devem gostar do sexo (ou pelo menos fingir que gostam) e são, por definição, promíscuas.

Neste esquema não há marcas simbólicas tão óbvias como o arco e o cesto dos guaiáqui, que servem para demarcar a masculinidade da feminilidade, mas ainda há formas de comportamento que são próprias a apenas um sexo e cercadas de proibições para o outro. É o exemplo do batom, das bonecas e do chorar. Homem não usa batom (a não ser durante o carnaval), menino não brinca com boneca e certamente não deve chorar.

Afinal, se pintar, cuidar de nenéns e ser sensível são predicados da feminilidade. O menino que toca nestes “cestos” e que não sabe manipular seu “arco”, logo percebe o perigo das suas contravenções. É chamado de maricas, mulherzinha etc. Geralmente esta acusação é suficiente para fazer qualquer menino voltar ao seu “arco”. Aqueles que persistem num comportamento pouco adequado ao sexo masculino quando crescem, será imputada uma contravenção maior ainda. Se presumirá que, como “mulherzinhas”, se sentirão atraídos por homens com quem manterão relações sexuais “passivas”. De “mariquinhas” se transformam em “bichas”. A bicha, como os kyrypy-meno dos guaiaqui, é um homem que tende a desempenhar tarefas normalmente associadas às mulheres e que também prefere a companhia sexual de “homens de verdade”.

Desta forma, neste Brasil que estamos chamando de “popular”, como entre os guaiaqui, o menino é chamado de “bicha” não simplesmente porque se supõe que ele goste de manter relações homossexuais, mas porque ele é “efeminado” (desempenha o papel feminino) e porque se mantiver uma relação homossexual desempenhará um papel “femininamente passivo”. O rapaz que desempenha o papel masculino e que poderia ser o parceiro sexual da bicha (portanto mantendo uma relação homossexual), é chamado de “homem” ou de “machão”.

A situação das mulheres tem semelhanças e diferenças. O fato é que na primeira infância as meninas podem brincar com brinquedos “masculinos” sem serem xingadas de “homenzinho” ou de “sapatão”. O grande perigo do qual as meninas têm que ser protegidas é outro - o que é representado pela figura da prostituta. Assim, desde o início da adolescência, a sexualidade das meninas é controladíssima na esperança que cheguem até um único casamento virgens. Desta forma, as meninas podem mostrar sinais de afeto umas às outras sem que isto provoque escândalo e reprovação. Mesmo assim, a figura popular do “sapatão” é muito forte, e é a imagem invertida da “bicha”. O “sapatão”, como a mulher-homem berdache, é uma mulher em termos

fisiológicos que desempenha aspectos do papel masculino. Desta forma, as concepções populares brasileiras da sexualidade, como entre os guaiáqui e outras sociedades ameríndias, são baseadas fundamentalmente sobre as noções de sexo fisiológico, sexo social, como na figura que segue:

Sexo Biológico \ Sexo Social Masculino Feminino Masculino Homem, machão Bicha, viado, maricas (travesti) Feminino Sapatão, mulher-macho, paraíba mulher

Neste esquema, então, as relações sexuais esperadas também são todas “heterossexuais” em termos de papéis sexuais. As pessoas socialmente “femininas” se relacionam com as socialmente “masculinas”. As mulheres e bichas se relacionam com os homens e os homens e mulheres-machos se relacionam com as mulheres. O que é considerado realmente “desviante”, de acordo com estas regras, são relações “homossexuais” não em termos fisiológicos, mas em termos dos papéis sexuais. Assim, um homem pode se relacionar sexualmente com uma bicha, enquanto o primeiro é “ativo” e o segundo “passivo”. Nesse sentido, o que causa escândalo é quando bicha se relaciona com bicha. Esta, sim, seria a relação “homossexual”, e ela é ridicularizada no ditado popular “bicha com bicha dá lagartixa”.

Esta maneira de organizar os papéis sexuais pode ser claramente vista na área da prostituição masculina. Resumindo e simplificando, os profissionais neste campo se dividem em “travestis” e “michês” que têm aparência bem “máscula”. Se os primeiros são travestis da figura da mais “feminina” das mulheres, os segundos são travestis do mais “másculo” dos homens. De fato não há melhor evidência para o fato dos papéis sexuais serem essencialmente sociais, pois tanto travestis como michês são homens, fisiologicamente falando.

Em princípio, e de acordo com a nossa exposição das regras do jogo sexual, os michês “comem” enquanto os travestis “dão”. Mas podemos aproveitar este momento para matizar nosso argumento, pois, nas palavras de outro velho ditado, “na prática a teoria é outra”. Na privacidade da cama é

freqüente que o travesti tome o papel “ativo”, como também não é raro que o michê seja “passivo”. É igualmente possível que participem de atos “sexuais” como beijar, “roçar” etc... que não têm conotações nem de “atividade” nem de “passividade”. As regras, como sempre acontece com quaisquer regras, são burladas com freqüência. O fato é que aqueles travestis que vivem da prostituição e que são os mais bem-sucedidos alegam que são também grandes “comedores”.

O segredo deste sucesso é que um respeitável senhor pode ser visto na companhia de um travesti, pois, de acordo com as regras formais, ele vai passar publicamente por “macho”. Apenas na cama os papéis serão invertidos. Da mesma forma; o michê que é visto como uma “bicha” é visto publicamente como “macho”. E, em ambos os casos, justifica-se a quebra da regra por interesses aparentemente apenas econômicos. Assim, por exemplo, o michê garante a sua “masculinidade”, alegando que faz o que faz não por prazer (qualquer prazer na “passividade” o colocaria na categoria de bicha), mas sim por necessidade econômica.

Fica claro que tanto o travesti que “come” quanto o michê que “dá” percebem que estão quebrando as regras na medida em que tomam cuidado de salvaguardar sua respectiva “feminilidade” e “masculinidade” em praça pública. Mas quebrar uma regra é, fundamentalmente, reconhecê-la. É a exceção que comprova a regra.

Claro que o paralelo que estamos fazendo entre os guaiáqui, os berdaches e o “Brasil popular” tem também seus limites. Por exemplo, enquanto os berdaches e os kyrypy-meno assumem quase a totalidade do papel social do sexo oposto, isto acontece minoritariamente aqui no caso dos travestis. Em geral, as “bichas” e “sapatões” adotam apenas alguns aspectos específicos dos papéis femininos e masculinos, respectivamente. Há toda uma gradação entre a “bicha” ligeiramente efeminada até o travesti, como há uma mesma gradação entre o “sapatão” vagamente masculinizado e a “mulher-macho” mesmo.

E interessante observar, neste sentido, quais os aspectos da “masculinidade” e “feminilidade” escolhidos neste jogo com os papéis sexuais. Enquanto as mulheres-macho dão ênfase aos aspectos de força física e uma certa rudeza do papel masculino, os homens escolhem justamente os aspectos do papel feminino que ressaltam a delicadeza, o lazer e o luxo. Os dois estereótipos são o chofer de caminhão, por um lado, e a vamp de Hollywood, do outro. As “mulheres” produzidas pelos travestis nunca são donas-de-casa, por exemplo, e se aproximam muito mais da figura da prostituta de luxo. Assim, é escolhido um modelo de “mulher fácil”, de sexualidade solta, que contrasta com o modelo da “mulher certa”, esposa e mãe.

O que talvez distinga ainda mais este esquema daquele dos guaiáqui é que neste Brasil popular, as relações entre homens e mulheres não são caracterizadas apenas por complementaridade de funções. São caracterizadas também por diferenças de poder, de tal forma que o homem é considerado socialmente superior à mulher. Aliás, é contra este estado de coisas que o feminismo se coloca. O ato sexual é percebido também em termos hierárquicos, pois a idéia é que quem penetra é de certa forma o vencedor de quem é penetrado.

A superioridade social do “ativo” sobre o “passivo” é nitidamente expressa nas palavras de gíria que usamos para , falar das relações sexuais como “comer” e “dar”, “ficar por cima” e “abrir as pernas”. Quem “come”, vence, como um jogador de xadrez que tira as peças de seu adversário do tabuleiro, “comendo-as”. Quem “come” está “por cima” e quem está por cima é quem controla. Quem “dá” ou quem “abre as pernas” é quem se rende totalmente.

Aqui se faz necessária uma pequena pausa para matizar nosso argumento. Quando falamos que o homem domina a mulher, estamos nos referindo às regras explícitas do jogo que tem como jogadores a “masculinidade” e a “feminilidade”. Mais uma vez “na prática a teoria é

outra”, e é necessário lembrar que este jogo tem regras que mesmo sendo menos explícitas não são por isso menos importantes e eficazes.

Mulheres e bichas (e, de fato, todos que são socialmente discriminados) desenvolvem estratégias sociais, muitas vezes tão eficientes que invertem a relação de poder estabelecida pelas regras formais. Basta pensar na dona-de-casa que usa seu controle sobre o orçamento doméstico e sobre a educação dos filhos para combater o suposto poder absoluto do pater famílias. Basta lembrar também o terrível poder que as mulheres têm de testemunhas e juízas do desempenho sexual dos seus maridos e amantes. Quanto poder reside na exclamação “brocha!”. O fato é que os homens são criados para pensar que sua própria masculinidade está sempre a ser provada por um desempenho sexual tanto potente quanto freqüente.

Mesmo assim, podemos dizer que a concepção popular brasileira da sexualidade fala mais de “masculinidade” e “feminilidade”, de “atividade” e de “passividade”, de “quem está por cima” e de “quem está por baixo” do que sobre a heterossexualidade ou a homossexualidade, que são aspectos que entram no esquema sorrateiramente, por assim dizer. Se este esquema desse importância maior à homossexualidade propriamente dita, então o homem que “transasse” com a bicha certamente teria que ser chamado de “homossexual” ou algo parecido. Nem sempre isto acontece. Este Brasil popular é muito antigo, como demonstram as confissões e denúncias que foram feitas perante o Santo Ofício, durante a Inquisição no Nordeste do Brasil, entre os anos de 1591 e 1620.

Naquela época, relações homossexuais constituíam o “nefando pecado de sodomia” e os “sodomitas” poderiam ser condenados à morte na fogueira. Durante a visitação do Santo Ofício, muitos “sodomitas” eram denunciados e outros confessaram, de tal modo que dispomos de material riquíssimo sobre a homossexualidade daqueles tempos. O antropólogo e militante homossexual Luís Mott, da Universidade Federal da Bahia, conseguiu identificar 135 “sodomitas” e verificou que “os conceitos de ativo (‘agente’ como diziam no

tempo da inquisição), e passivo ('paciente'), são categorias repetidoras da bipolaridade heterossexual da macho-fêmea, não encontrando obrigatoriamente correspondência restrita nos atos homossexuais". Uma outra estudiosa, Patrícia Auferheide, sugere que os parceiros "ativos" em geral tinham uma certa ascendência social sobre os "passivos". Cita o caso de Fernão Roiz de Souza, um fidalgo branco que, aos seus onze anos, era pajem na casa do governador e teve que se submeter "passivamente" sob a ameaça de morte. Na medida em que cresceu, ele se transformou num "ativo", procurando sempre parceiros mais fracos socialmente que ele: mulatos e mulheres. Luís Mott observa casos semelhantes, mas também nota situações em que o parceiro socialmente mais forte era sexualmente "passivo". Referindo-se às relações homossexuais entre brancos e negros, ele diz: "... encontramos nas relações sodomíticas interracialis todo um continuum de interações, ora os brancos exercendo seu poder e prepotência de casta superior, ora os de cor encontrando mil e um artifícios para serem eles os donos do poder ao menos neste micro-universo diádico ditado pelo erotismo." O fato é, portanto, que, como argumentamos acima, "atividade" significa poder em relação à "passividade", que faz com que as relações de poder da vida cotidiana possam ser algumas vezes invertidas temporariamente no ato sexual de coito anal. E assim que acontece, hoje em dia, como já assinalamos, quando um respeitável burguês é "comido" por um travesti proveniente das classes mais pobres.

Ajudando a acreditar que este Brasil popular não seja só fruto da nossa imaginação, mas também faz parte do imaginário mais geral, podemos tirar mais um exemplo do livro de Jorge Amado, *Capitães de Areia*, onde, na banda de moleques liderada por um rapaz chamado Pedro Bala, relações homossexuais eram freqüentes e corriqueiras. Um dia, o padre, amigo de Pedro, chegou a dizer que tais relações eram pecaminosas e Pedro respondeu expulsando os "passivos" do grupo. Pois, neste tipo de situação, o estigma é reservado apenas para quem é "passivo". O "ativo" na relação não sofre

nenhuma crítica e freqüentemente consegue aumentar sua imagem de macho “comendo as bichas”.

Já que falamos de jovens, podemos lembrar que entre rapazes, no começo da adolescência, é comum a brincadeira de “troca-troca”, em que dois meninos se alternam nos papéis “ativo” e “passivo” nas suas brincadeiras sexuais. Dizem que o mais “esperto” é aquele que consegue “comer” o amiguinho e na hora de “dar” consegue parar a brincadeira. O comum é que se o professor surpreende os meninos em flagrante, é o “passivo” daquele momento que é expulso do colégio.

O lugar onde este sistema pode ser encontrado na sua forma mais exacerbada é nas prisões, onde presos veteranos competem entre si para “casar” com os mais novos e bonitos. Estes últimos acabam sendo conhecidos e tratados como “mulherzinhas”. A eles cabe o dever de lavar a roupa dos seus “maridos”, além de prestar lhes vários outros pequenos favores. Nas relações sexuais que sucedem, cabe a eles também desempenhar um papel estritamente “passivo”. O veterano, por outro lado, tem a obrigação de proteger seu boy e de favorecê-lo nas transações do dia-a-dia da prisão. Em prisões femininas se dá o mesmo, e mais uma vez são as veteranas que adotam o papel “ativo”.

Desta forma, relações de poder dentro da prisão são refletidas e reproduzidas nas relações sexuais. Vemos aqui muito claramente relacionadas a “passividade” sexual e a fraqueza social. Se formos pensar em termos históricos, veremos que já na Roma Antiga, embora o relacionamento homossexual em si não fosse especialmente malvisto, era considerado totalmente ultrajante um homem livre assumir um papel passivo tanto com um escravo quanto com um outro cidadão. Aqui, como nas prisões, a hierarquia sexual devia corroborar a hierarquia social.

Mesmo entre homens livres no Brasil de hoje, em muitos lugares “a bicha está sempre debaixo da sola do pé do macho”, como disse uma delas em Belém do Pará. A primeira vista, esta é uma posição extremamente

desagradável, para não dizer insuportável. Mas, embora alguns sejam literalmente forçados a representar este papel como os boys nas cadeias, outros parecem optar por ele de livre vontade. Entre os guaiáqui, os indivíduos têm que ser homens ou mulheres; neste sistema, os homens têm que ser machos ou bichas. Não há meio termo. O paralelo que estabelecemos entre o Brasil popular e algumas sociedades indígenas das Américas pode ser estendido para a esfera da religião, pois como no caso dos berdaches, há uma forte associação entre homossexualidade e poderes místicos. Não é por acaso que um dos personagens mais populares de Chico Anísio é um pai de santo baiano, cheio de malícia e escandalosamente “bicha”.

No Norte e Nordeste do Brasil, os candomblés são vistos como “lugares de bicha”, e, de fato, grande número de pais e mães-de-santo são homossexuais, inclusive alguns dos, mais famosos e bem-sucedidos. Os candomblés não têm nenhum preconceito em relação à homossexualidade e não é raro que um rapaz ou uma menina que tenha dificuldades em casa por causa de constantes acusações de “maricas” ou “sapatão” encontre nessas comunidades religiosas um lugar onde serão aceitos. Conhecemos casos de rapazes que chegaram a ser até expulsos pelas suas famílias, seguiram suas carreiras dentro do candomblé e voltaram a ser aceitos mais tarde pelos seus parentes devido ao grande prestígio religioso que conseguiram. O candomblé, então, oferece a possibilidade de um jovem rapaz ou menina homossexual transformar seu estigma social em vantagem.

Luís Mott cita importante evidência onde sugere que o que acabamos de descrever para o Brasil contemporâneo talvez tenha raízes num passado africano bastante distante. Esta evidência é do livro *História Gera/ das Guerras Angolanas*, do Capitão da Armada Lusa e comerciante de escravos Antonio de Oliveira Cardonega, publicado em 1681. Escreve Cardonega: “Há também entre o gentio de Angola muita sodomia, tendo uns com outros suas imundícies e sujidades, vestindo como mulheres. E lhes chamam pelo nome da terra quimbandas, os quais no distrito ou terras onde os há, têm

comunicação uns com outros. E alguns deles são finos feiticeiros, para terem tudo mau. E todo o mais gentio os respeita e os não ofendem em cousa alguma (...) Andam sempre de barba raspada, que parecem capões, vestindo como mulheres.”

Vale a pena pensarmos um pouco sobre por que são tão freqüentemente atribuídos poderes excepcionais e até sobrenaturais à identidade de “homem efeminado” ou “mulher-macho”. Uma possível interpretação é que estes poderes são uma espécie de compensação para as pessoas que não querem ou não conseguem seguir os caminhos convencionais de homens e mulheres. Parece que a ridicularização é de certa forma contrabalançada com o prestígio de curador e profeta. Outra interpretação possível é a de que quebrar com as convenções sociais de masculinidade e feminilidade, que-são tão fortemente arraigadas em qualquer sociedade, requer, de início, uma boa dose de coragem e originalidade.

Desta forma, os berdaches e os quimbandas teriam que ter o que nós chamamos de uma personalidade forte, assim os equipando para proezas futuras. Mas há outra interpretação também possível que parte da idéia de que ambigüidade e poderes excepcionais têm algo em comum. Um homem que se transforma em “homem-mulher” ou uma mulher que se transforma em “mulher-homem” são fundamentalmente ambíguos. Ambigüidade é sempre uma possível fonte de criatividade.

Uma das qualidades mais importantes num pai-de-santo ou numa mãe-de-santo, além daquelas questões especificamente religiosas, como o conhecimento dos segredos do culto e a capacidade de desempenhar o papel de curador e profeta, é a criatividade. Um pai-de-santo de Belém certa vez nos disse que considerava que o candomblé tivesse aspectos de teatralidade e que um bom pai-de-santo era aquele que soubesse “montar” suas festas como se fossem espetáculos. Disse também que se ele não tivesse sido chamado pelos espíritos, teria seguido uma carreira teatral como travesti. E, de fato, entre as qualidades mais freqüentemente atribuídas à identidade de “bicha” estão a

criatividade, a sensibilidade artística e o humor, como se fossem propriedades naturais. Mas estas características que realmente são comuns a muitas bichas, o são justamente porque há uma relação importante entre a criação artística, a ambigüidade, o humor e uma visão crítica da sociedade, muitas vezes manifestada pelos homossexuais através de um comportamento caricaturalmente efeminado, conhecido como “fechação”.

As bichas são ambíguas por definição: têm um sexo fisiológico e outro social, e como o estigma social os coloca fora dos centros formais de poder social, elas ocupam uma posição estrutural às margens da sociedade da qual é pelo menos possível uma visão crítica das coisas. Neste sentido, convém lembrar que a criatividade e um humor mordaz e venenoso também são associados a outros grupos marginalizados e estigmatizados socialmente como os negros e os judeus. Os berdaches gozaram de prestígio e respeito dentro de um contexto social e religioso em que a inversão dos papéis sexuais era associada a poderes de profecia e de cura. O berdache era em nada um “desviante”; era tão “natural” para os índios da América do Norte quanto é um padre de batina para nós.

Mas não há mais berdaches nos Estados Unidos da América e o seu fim foi brutal perante a “civilização” que os conquistou em nome de Cristo e do progresso. Os berdaches foram perseguidos e ridicularizados pelos colonizadores brancos, e membros do Bureau de Assuntos Indígenas obrigaram-nos a se vestir de acordo com seu sexo biológico. Nestas circunstâncias, os próprios índios acabaram por ver nesta instituição uma fonte de humilhação e vergonha e há pelo menos um caso de suicídio de um berdache, cuja família insistiu para que ele caçasse junto com os homens da tribo. Os berdaches e os valores sexuais das sociedades às quais pertenciam foram vitimados por uma ideologia sexual que classificava a homossexualidade como crime, pecado e doença.

# PECADO, CRIME, DOENÇA E SEM-VERGONHICE

O Grupo Gay da Bahia tem como uma de suas prioridades a retirada da homossexualidade da lista de doenças do INAMPS. Neste capítulo contaremos a história da atuação da medicina no campo da sexualidade em geral e da homossexualidade em particular, examinando suas teorias sobre causas, efeitos e curas. Procuramos demonstrar, ao mesmo tempo, que os especialistas da medicina contribuem em grande parte para a construção social do homossexual moderno, diferente da “bicha” ou “viado” do Brasil popular.

Sabemos que, na era colonial, a prática da homossexualidade era “hediondo pecado, péssimo e horrendo, provocador da ira de Deus e execrável até pelo próprio Diabo” (Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia, 1707) e que podia ser punida com morte na fogueira. Na segunda metade do século XIX, porém, irrompe na Europa e no Brasil toda uma preocupação médica com a homossexualidade e, de fato, quaisquer relações sexuais fora do casamento, incluindo prostituição. Formou-se a idéia de que a “saúde” da nação era diretamente ligada à “saúde” da família e dependente, portanto, do controle da sexualidade. Aqui no Brasil, o médico carioca Pires de Almeida, em 1906, escreve no seu livro *Homossexualismo (A Libertinagem no Rio de Janeiro)*: “Mais que todos os seres, o homem, pelas suas paixões e por seus instintos libidinosos, corrompe e arruína a própria saúde, destruindo as fontes da vida.” Daí em diante, são os médicos que vão reivindicar a sua autoridade de falar a verdade sobre a sexualidade e são eles os agentes da gradual transformação da homossexualidade de “crime”, “sem-vergonhice” e “pecado” para “doença”, ao longo dos anos que seguem. O crime merece punição, a doença exige a “curae a “correção”. Nesse sentido, vejamos as palavras do especialista em medicina legal, Leonídio Ribeiro (1938):

*“No século passado foi que o problema do homossexualismo começou a ser estudado por médicos e psiquiatras, interessados em descobrir suas causas, a fim de que juristas e sociólogos pudessem modificar as legislações existentes, todas baseadas em noções empíricas e antigos preconceitos, e fosse possível seu tratamento em moldes científicos.*

*As práticas de inversão sexual não podiam continuar a ser consideradas, ao acaso, como pecado, vício ou crime, desde que se demonstrou tratar-se, em grande número de casos de indivíduos doentes ou anormais, que não deviam ser castigados, porque careciam antes de tudo de tratamento e assistência.*

*A medicina havia libertado os loucos das prisões. Uma vez ainda, seria ela que salvaria de humilhação esses pobres indivíduos, muitos deles vítimas de suas taras e anomalias, pelas quaes não podiam ser responsáveis”.*

Os primeiros médicos que escreveram sobre relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo inventaram duas palavras que vão ser usadas subseqüentemente como sinônimos: o homossexual e o uranista. A primeira foi usada pela primeira vez em 1869 por um médico húngaro, Karoly Maria Benkert. O segundo surgiu do trabalho de um alemão, Karl Heinrich Ulrichs, que escreveu fartamente entre os anos de 1860 a 1890, sendo o seu esquema adotado por Pires de Almeida. O neologismo “uranista” foi inventado em homenagem à musa Urânia que, no mito contado por Platão, seria a inspiradora do amor entre pessoas do mesmo sexo. O embrião humano, acreditava Ulrichs, no início não é nem masculino nem feminino, mas depois de alguns meses a diferenciação ocorre.

No caso dos uranistas, os órgãos genitais vão numa direção e o cérebro noutra. Assim se produz “uma alma feminina encapsulada num corpo masculino” e vice-versa. Ulrichs depois desenvolveu uma classificação complexa de “tipos homossexuais” entre os quais o Mannling, que é totalmente masculino em aparência e personalidade, o Weibling, que é efeminado, e o Zwischen-urning, que é um tipo intermediário. Os primeiros dois termos equivalem aos termos “homossexual ativo” e “homossexual

passivo” que a medicina vai desenvolver mais tarde e que são usados correntemente até hoje.

O que é importante observar aqui é que a terminologia médica difere substancialmente da terminologia usada no Brasil popular. Naquele sistema, o “ativo” na relação homem/homem permanece no status de homem enquanto o “passivo” fatalmente é rebaixado para o status de “bicha”. O “homossexual” do sistema médico inclui tanto um como o outro. Do ponto de vista da medicina, não importa se um indivíduo adota o sexo social apropriado ao sexo fisiológico; se ele pratica ou quer praticar atos sexuais com pessoas do mesmo sexo fisiológico, “passiva” ou “ativamente”, ele é homossexual. Se o Brasil popular fala de sexo social predominantemente, o sistema médico fala de sexo fisiológico e define o homossexual exclusivamente pelo seu desejo sexual por pessoas do mesmo sexo fisiológico. O homem do Brasil popular que “come” a “bicha” é, neste sistema, um “homossexual.

Mas como é que os médicos do século XIX caracterizaram os homossexuais? Para Krafft-Ebing, o homossexualismo era ou uma patologia congênita ou uma mera perversão quando praticado por pessoas não uranistas. Este médico austríaco, que foi um dos pioneiros do estudo da homossexualidade e que influenciou a medicina definitivamente, coletou milhares de “confissões” dos seus pacientes e as publicou no seu livro *Psicopatia Sexualis*. Chegou à conclusão de que os uranistas sofrem de uma mancha psicopática, que mostram sinais de degenerescência anatômicos, que sofrem de histeria, neurastenia e epilepsia. Acrescenta ainda que “na maioria dos casos, anomalias psíquica (disposição brilhante para a arte, especialmente música, poesia, etc., ao lado de poderes intelectuais maléficos ou excentricidade original) são presentes e podem se estender a condições salientes de degeneração mental (imbecilidade, loucura moral).”

A partir dos trabalhos de Krafft-Ebing, Ulrichs, Pires de Almeida e outros, a grande controvérsia nos meios médicos girou em torno da questão

das causas da homossexualidade. Enquanto alguns acharam que as causas eram basicamente biológicas (hereditariedade, defeitos congênitos ou defeitos hormonais), outros explicaram a homossexualidade em termos do meio ambiente social. Em geral, esses primeiros teóricos distinguiram entre os uranistas de verdade, ou “invertidos”, cuja homossexualidade era biológica e, portanto, os eximiam de qualquer culpa ou responsabilidade, e os “pervertidos”, em geral “homossexuais ativos”, que praticavam a homossexualidade por pura “sem-vergonhice”.

No Brasil, Leonídio Ribeiro propõe que causas biológicas e sociais interagem: “Não obstante ser aceitável, até certo ponto, uma parte dos argumentos apresentados pela psicanálise, ganha terreno, cada vez mais, a teoria que afirma existirem na maioria dos casos de inversão sexual, uma causa ou predisposição orgânica, para esses fenômenos que seriam favorecidos ou agravados, pela influência do ambiente”.

Mas os médicos não se satisfizeram apenas em declarar a homossexualidade uma anomalia orgânica, pois as origens endócrinas desta “doença” também acarretariam outras patologias. Assim é que surge o “homossexual” que é esquizóide, paranóide etc... Ribeiro dedica um capítulo inteiro ao sadismo, e através de uma descrição minuciosa de “Febrônio, índio do Brasil”, que teria estrangulado uma série de rapazes, estabelece uma clara relação entre sadismo e homossexualidade.

Mas, com a mudança do status da “homossexualidade” de pecado para “doença”, abre-se a possibilidade de cura. A partir dos argumentos de Ribeiro, por exemplo, Febrônio é “salvo” da cadeia e premiado com a segregação ad vitam no Manicômio Judiciário. E todos os homens classificados como “homossexuais” são agora sujeitos ao tratamento “médico pedagógico”. Diz Ribeiro: “Provado que o homossexualismo é, em grande número de casos, uma consequência de perturbações do funcionamento das glândulas de secreção interna, logo surgiu a possibilidade de seu tratamento. Era mais um problema social a ser resolvido pela medicina”. (grifos nossos). Nos casos dos

indivíduos cuja homossexualidade é resultante do meio ambiente, propõe-se “medidas pedagógicas. (...) Em muitos casos, sobretudo quando está em jogo o filho único, em que é predominante a influência materna, a solução será o afastamento do ambiente familiar, afim de que a criança possa privar com pessoas de sua idade e de sexo contrário. (...) E preciso suprimir os carinhos e facilidades do ambiente familiar. (...) Em tais casos é inútil a internação em colégios onde haja dormitórios coletivos, sem fiscalização rigorosa, na convivência exclusiva com crianças do mesmo sexo”.

Se a homossexualidade per se nunca foi definida como crime no Código Penal Brasileiro, ao contrário do que ocorreu em outros países, na década de 1930 havia uma clara convivência entre a polícia e os médicos, pois os delinquentes “homossexuais” de uma certa classe social eram encaminhados para o Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificações de São Paulo, onde os médicos levaram adiante suas pesquisas sobre as causas biológicas e sociais da homossexualidade, com ênfase sobre os biotipos e ambiente social dos indivíduos em questão.

Numa comunicação apresentada na Primeira Semana Paulista de Medicina Legal, em 1937, o Dr. E. de Aguiar Whitaker apresentava “os resultados obtidos pelo estudo anthropopsiquiátrico” de oito homossexuais (pederastia passiva) detidos pela polícia de São Paulo. De acordo com a teoria vigente na época, Whitaker diagnostica homossexualidade “endógena” (biológica) e “exógena” (oriunda do ambiente social). Para dar uma idéia da forma preconceituosa de como eram encaradas estas “vítimas da ciência”, seguem dois exemplos:

*“1 - Alvaro Adamo, 19 anos. ‘Garçon’. Procedente da Capital. Examinado em 18/9/1936. Resumo da observação - Trata-se de um indivíduo com leve psychopathia, homossexual (pederastia passiva) por defeitos de educação e accidental, susceptível de cura, de personalidade medíocre, cyclothymico, emotivo e instável (de modo pouco acentuado), revelando satisfactorio senso ethico, susceptível de educação médico-pedagógica.*

*Diagnóstico - Personalidade medíocre, cyclothymico, emotividade e instabilidade leves. Pederasta passivo por defeitos de educação e accidental. Desadaptação social susceptível de correção. (V. - B.) Leptosoma-athletico (K.). Bacia de typo feminino aproximado. Pellos do pubis de conformação feminina aproximada”.*

*“7 - João de Abreu. 32 anos. Solteiro. ‘Garçon’. Brasileiro. Procedente de São Paulo. Examinado em 29/9/1937.*

*Resumo da observação - Trata-se de um indivíduo cujo aparelho sexual é susceptível de funcionar normalmente, porém preferindo a cópula anal, que lhe traz completa satisfação genésia. A sua personalidade, bastante medíocre, é de typo eschizoide, com tendências à instabilidade. Obedecendo aos seus pendores e características, adaptou-se ao ambiente social, até ao limite em que este tolera a sua anomalia, residindo com uma irmã e trabalhando para viver.*

*Do ponto de vista do hábito externo, salientar, além do typo corpóreo (L 4-V.-B.), o aspecto normal à inspecção, excetuada a largura da bacia, ligeiramente exagerada. O panículo adiposo a esse nível e regiões circunvizinhas é regularmente desenvolvido, determinando contornos arredondados (bacia de typo feminino) e a distribuição de typo mixto dos pelos do pubis. Ausência de pelos no tronco.*

*Diagnóstico - Pederasta passivo, endógeno, Eschizoidia. Instabilidade leve. Parecer médico-social - Adaptação social relativa.*

*Necessidade de uma acção medico-correcional”.*

*(Whitaker, 1937:217, 220 - grifos nossos)*

O autor chega às seguintes conclusões: “O estudo de nossos casos de homossexualidade confirma a idéia de ser esta anomalia com aspecto das personalidades psychopathicas (em sua forma endógena), ou uma conseqüência destas (em sua forma exógena), o papel do elemento endócrino sendo aqui (forma endógena) idêntico ao que desempenha nas psychopathias”. Citamos longamente este trabalho pelo fato de ele exemplificar a maneira pela qual a medicina é empregada para controlar a homossexualidade. Apesar de não haver, no Código Penal Brasileiro,

nenhuma menção da homossexualidade como crime, podemos ver que a medicina legal se achava no direito de sugerir “acção médico-correccional” para os delinqüentes, além de punição do crime específico de que eram acusados. Podemos imaginar o que isto significa se lembrarmos que a liberdade de . um homem poderia estar na dependência de um parecer deste tipo nos conselhos carcerários existentes em cada Estado brasileiro.

Como dissemos, as teorias que procuram explicar a homossexualidade em termos biológicos apontam em três direções: hereditariedade, defeitos congênitos e desequilíbrios hormonais. Porém, embora algumas pesquisas pareçam confirmar estas teorias, elas têm sido duramente criticadas em termos de seu rigor científico e a questão da hereditariedade continua em aberto.

As outras teorias sugerem que a homossexualidade seria causada por problemas na etapa fetal do crescimento ou que tem alguma coisa a ver com o equilíbrio hormonal. De fato, as duas teorias têm um ponto de encontro, já que a primeira supõe que a produção de um feto potencialmente homossexual seria causada por um desequilíbrio hormonal da própria mãe. Este desequilíbrio agiria sobre o hipotálamo da criança de tal forma a causar a homossexualidade.

Mesmo se estas teorias tivessem alguma veracidade, o que é que poderiam comprovar? Segundo os geneticistas e médicos envolvidos, elas mostrariam causas biológicas da homossexualidade. Poderíamos concordar que mostrassem causas biológicas para certos tipos de prazer sexual, mas é atribuir muita direcionalidade à natureza imaginar que ela poderia chegar, através de mensagens químicas, a determinar um futuro objeto de desejo sexual.

Em outras palavras, as teorias biológicas podem talvez um dia mostrar correlações entre cromossomos, hormônios e certos tipos de prazer sexual, mas nunca a identidade social do parceiro escolhido. É importante refletir sobre as conseqüências da aceitação deste tipo de teoria biologizante. Alguns que defenderam-na no século XIX, como Hirschfeld e Ellis, usaram-na para

argumentar a favor da “naturalidade” do homossexualismo. Era uma arma usada na defesa dos direitos dos homossexuais, pois se eram homossexuais por natureza, ninguém tinha o direito de puni-los como criminosos. Foi este também o argumento de Krafft-Ebing, como acabamos de mostrar. Mas a aceitação desta teoria pode levar a conseqüências terríveis para os homossexuais. Por exemplo, se é verdade que o homossexualismo está relacionado com um defeito no hipotálamo ou outra área do cérebro, então abre-se um caminho para a sua extirpação.

Até há alguns anos atrás, era considerada válida a realização de uma operação cirúrgica que consistia na retirada de uma parte dos lóbulos frontais do cérebro, relacionados com a produção de fantasias e do prazer sexual. Apesar deste processo ter caído em desuso, ultimamente o periódico *Medica/World New*, de 25 de setembro de 1970, anunciou uma técnica de queimar, através de choques elétricos, uma pequena seção do hipotálamo. Este método teria sido usado em vários jovens americanos homossexuais, na sua maioria pedófilos, que dessa forma teriam sido reconduzidos à “normalidade”. O fato de eles terem perdido a capacidade de fantasia e de sentirem prazer sexual parece não ter sido considerado muito importante. Outro método usado nos Estados Unidos, especialmente no caso de homossexuais presos por crimes sexuais, foi a castração.

Nestes últimos casos, ao invés de significar um aumento na capacidade de sentir prazer em viver, o que se chama de “cura”, não passa de um eufemismo para punição. Isto é evidente no “tratamento” através da lobotomia, castração etc... a que são submetidos homossexuais detidos em certas prisões e manicômios, especialmente nos Estados Unidos. E na lei espanhola que, considerando os homossexuais um “perigo social”, condena os homossexuais ao internamento em pretensos “centros de cura” que são meras penitenciárias. De fato, parece que na maior parte do tempo aqueles que dizem desejar “curar” os homossexuais estão mais interessados em colocá-los

fora de circulação, não se importando com a natureza dos meios que usam para diminuir a sua possibilidade de “prejudicar a sociedade”.

A tendência desde Ulrichs, Krafft-Ebing etc. era de enfatizar os aspectos biológicos e inatos da homossexualidade, mas Freud salientou os aspectos experienciais, sociais e familiares, sem descartar completamente a idéia de existirem tendências inatas que ele via como parte de uma predisposição bissexual. Sua teoria leva a uma visão desfavorável da homossexualidade e demonstra a persistência de atitudes provenientes de sua origem de classe-média judaica vienense. Por exemplo, a psicanálise presume que a sexualidade tenha objetivos predeterminados, inatos, além dos adquiridos. Presume a heterossexual idade como a condição sadia e a procriação como a sua finalidade máxima. O que ele considera o ato sexual maduro é o coito heterossexual e os que preferem outras variantes são considerados imaturos. Ele aceita sexo oral e outras formas de excitação sexual como legítimos, na medida em que são preliminares ao coito heterossexual.

Obviamente, atividades homossexuais são portanto automaticamente excluídas deste quadro. Freud considerava a homossexualidade uma condição quase incurável, com quatro principais causas. A primeira seria a “fixação”, quando o indivíduo deixava de completar adequadamente todas as etapas do processo de amadurecimento permanecendo fixado a uma delas. A segunda seria o medo da castração, resultante de um desejo infantil pela mãe e o medo de uma punição por parte de um pai ciumento. A terceira é o narcisismo. Segundo Freud, o homossexual procuraria um parceiro parecido consigo pois, inconscientemente, desejava amar a si mesmo. A quarta seria a identificação com um dos pais do sexo oposto, o que levaria a criança a copiar a sua preferência sexual. Alegava que isto ocorria muito com meninos que tivessem mães dominadoras e pais ausentes.

Aqueles que conhecem a fundo os trabalhos de Freud podem considerar este breve resumo como uma simplificação absurda. Talvez seja. Mas o fato é que estas idéias, atribuídas a Freud, se tornaram parte do senso comum. Como

tal, adquiriram a forma de dogmas quase inquestionáveis e informam a maneira pela qual muita gente pensa a homossexualidade. Por exemplo, o desespero que se abate sobre pais e mães quando descobrem que um filho ou uma filha é homossexual, muitas vezes se deve a este tipo de interpretação, que atribui “culpa” a eles.

Mas não há razão nenhuma de aceitar estas interpretações que colocam arbitrariamente a heterossexual idade como a expressão da maturidade plena. Chamar o homossexual de imaturo é apenas outra maneira de depreciá-lo sem chamá-lo de doente. O famoso paradigma da fábrica de bichas constituída de uma mãe dominadora e um pai ausente é seguramente apenas uma reiteração da ideologia de que apenas a família patriarcal é realmente saudável, ignorando a realidade da vida familiar em geral. O fato é que, para todas as crianças, as mães geralmente aparecem como personagens dominadoras. Assim, se a teoria fosse válida, o problema que teríamos que enfrentar seria o de descobrir as causas da heterossexual idade...

Assim, mesmo se Freud negasse que a homossexualidade fosse doença, certamente não deixaria de vê-la como defeito. Desta forma, a psicanálise tende a reproduzir o moralismo judaico-cristão, usando como ameaça, em vez do inferno, uma vida sem sentido, seguida de uma velhice solitária ou um caríssimo divã.

Outra tradição terapêutica que teve e continua tendo grande repercussão é a do comportamentalismo, cujos adeptos, deixando de lado discussões mais aprofundadas sobre a questão da saúde e da doença, partem do princípio de que o comportamento e as emoções são frutos de um processo de aprendizado e são passíveis de modificação através de métodos mais ou menos mecânicos. Baseados no princípio da recompensa de comportamentos desejados e da punição dos que se visa eliminar, estes métodos acabam levando o paciente a adquirir características que melhor possibilitam sua integração na sociedade que o cerca. Isto geralmente significa induzi-lo a se

comportar como a maioria. É uma orientação essencialmente conservadora de viver.

Além disso, as técnicas usadas muitas vezes são cruéis e humilhantes, chegando a se assemelhar bastante à tortura. Tal é o caso da chamada “terapia de aversão”, onde se procura condicionar um reflexo de repulsa a estímulos que causam prazer, mas são considerados maladaptativos como, neste caso, o comportamento homossexual. Geralmente, o método consiste na aplicação de um medicamento que cause enjôo logo após a apresentação de fotografias ou a recriação de situações que se deseja que o paciente deixe de gostar. Condiciona-se, desta forma, um homossexual masculino a sentir enjôo toda vez que vir um homem do tipo que antes considerava atraente. Nesta técnica, às vezes substitui-se o medicamento que causa enjôo pela aplicação de choques elétricos.

Em grande parte devido às pressões dos movimentos homossexuais, em 1973 a homossexualidade deixou de ser classificada como doença pela Associação Americana de Psiquiatria. Ao longo dos anos, um número crescente de médicos e psicoterapeutas deixaram de tentar “curar” seus pacientes homossexuais, mas nem por isso deixaram de agir no campo da sexualidade. Aceitando em grande medida a idéia de que a homossexualidade é uma orientação sexual tão aceitável como a heterossexual idade, garantiram sua continuada relevância (e, portanto, seus lucros) no sentido de fazer com que os homossexuais aceitassem felizmente sua “condição”. Falam não mais no homossexual por definição doente, mas do homossexual potencialmente “saudável”, como indica o título do livro do médico americano George Weinberg: *A Sociedade e o Homossexual Sadio*, publicado em 1973.

Neste livro, que é representativo do pensamento de muitos psicoterapeutas “progressistas” a crítica é feita à psicoterapia que tachou o homossexual de doente. O autor prega contra a “conversão” dos homossexuais em heterossexuais, argumentando em favor do homossexual se aceitar como gay. “Um homossexual é gay quando ele se vê feliz de ser alguém

dotado da capacidade de enxergar as pessoas como romanticamente belas. Ser gay é ser livre de vergonha, culpa e remorso de ser homossexual. (...) Ser gay é vislumbrar sua sexualidade como o heterossexual sadio enxerga a dele.”

Sem dar mais exemplos, podemos perceber que a medicina atuava e continua a agir politicamente no que diz respeito à homossexualidade. A partir do século XIX, ao tachar os homossexuais de doentes, ela justificou sua “cura”, sua “conversão” em heterossexuais. Desta maneira, a medicina exerceu um forte controle social contra a homossexualidade e em favor da heterossexualidade. Mais tarde, perante as críticas oriundas do movimento homossexual, ela soube se preservar e, usando as mesmas noções de saúde e doença, introduziu a noção do “homossexual sadio”.

É mais do que claro que, no campo da sexualidade, saúde e doença no idioma dos médicos são apenas metáforas para “bom” e “ruim”, mascarando e legitimando juízos fundamentalmente morais. É uma coisa afirmar que a promiscuidade é ruim; é outra insistir que é doença.

uma coisa propor que o homossexual assuma sua homossexualidade “numa boa”; é outra coisa dizer que ele é saudável. A primeira afirmação é sujeita a discordância e disputa, enquanto a segunda tende a ser mais facilmente aceita por carregar o carimbo da autenticidade da “ciência médica”.

Mas gostaríamos de sugerir que a “ciência médica” teve um papel político fundamental num nível mais sutil e profundo, pois ela é em grande parte responsável pelas noções que as classes médias urbanas têm a respeito da homossexualidade e a heterossexual idade como sendo dois campos “naturalmente” distintos. Ao falar da homossexualidade e da heterossexualidade, dos homossexuais e dos heterossexuais, a ciência médica faz com que se acredite que o mundo é de fato dividido entre uma categoria e outra. Esta maneira de ver as coisas combate outras maneiras de compreender a sexualidade humana como, por exemplo, aquela que descrevemos para o Brasil popular. Neste caso não há “homossexuais” e “heterossexuais”, mas sim “bichas” e “homens”, “mulheres” e “sapatões”. Combate também uma

outra possível maneira de compreender a sexualidade humana como simplesmente sexualidade.

Ao definir o “homossexual sadio”, a ciência médica continua legitimando uma divisão estanque entre “homossexuais” e “heterossexuais”, quando é possível vislumbrar uma situação em que pessoas não precisariam ser uma coisa ou outra. Como disse Alfred Kinsey, vinte e cinco anos atrás: “Os machos não se dividem em dois grupos distintos: os heterossexuais e os homossexuais. O mundo não está dividido em ovelhas e carneiros. Nem todas as coisas são negras, nem todas são brancas. E um princípio fundamental do sistema de classificação que raramente na Natureza se encontram categorias nitidamente separadas. Só a mente humana inventa as categorias e tenta abrigar os fatos em compartimentos separados. O mundo vivente representa uma continuidade em todos os seus aspectos. Quanto mais depressa aprendermos esta noção, aplicando-a ao comportamento sexual do homem, tanto mais depressa compreenderemos claramente o que é a realidade do sexo.”

# NASCE UMA ESTRELA OU O SURGIMENTO DA “CONSCIÊNCIA HOMOSSEXUAL”

Obviamente é demasiado simplista pensar o mundo em termos da luta entre mocinhos e bandidos ou, se quiser, no caso, os homossexuais e seus repressores. Pensar assim seria incorrer no mesmo erro daqueles que vêem a opressão feminina em termos de um complô masculino. De fato, homens, mulheres, médicos, letrados, homossexuais e psicoterapeutas fazem parte de um todo que é maior que a soma dos seus componentes individuais.

No capítulo anterior contamos a história de como a homossexualidade foi definida como doença e algumas consequências disso. Não foram apenas os médicos, em isolamento, que tramaram maquiavelmente esta façanha. Afinal, para que as questões que levantavam e as respostas que apresentavam fossem julgadas pertinentes e para que estas viessem a ter tão grande repercussão, era necessário que já existisse um clima social propício. Aliás, fizemos questão de observar que as primeiras investidas contra a homossexualidade por parte da medicina foram acompanhadas de uma forte preocupação por parte das classes dominantes com quaisquer atividades sexuais extrafamiliares. Afinal, os médicos não constituem um grupo isolado da sociedade maior. Eles pertencem a uma determinada classe social com a qual compartilham um estilo de vida e preocupações sociais e, como no resto da população, alguns são homossexuais. Eles também participaram e participam ativamente na história do homossexualismo.

Vamos agora mostrar como estes médicos homossexuais e outras pessoas classificadas de homossexuais, doentes e neuróticos enfrentaram este estigma imposto a eles. Enquanto a grande maioria evitava se expor de alguma forma, temendo o desmascaramento e os efeitos terríveis disto, alguns homens e mulheres lutaram publicamente contra este preconceito.

Já nos referimos ao trabalho de Karl Ulrichs e de Karoly Maria Benkert, inventores dos termos “uranista” e “homossexual” que iriam ser literalmente as palavras-chaves do debate que começava a ser travado sobre a questão. O que argumentaremos mais tarde é que, ao inventar estas palavras, eles também estavam lançando as bases sobre as quais iria se desenvolver toda uma nova identidade social e sexual - o “homossexual”. Ulrichs e Benkert eram homens que sentiam atração sexual por outros homens. Como na época em que eles começaram a sentir estes desejos estas palavras e a identidade a elas associadas não existiam, deveríamos hesitar em chamá-los de homossexuais.

Das duas palavras recém-inventadas, foi o termo “uranista” aquele mais imediatamente bem-sucedido. E esta concepção biologizante continha o germe da idéia de um “terceiro sexo” que seria tão “natural” quanto os outros dois. Desta forma, pretendia-se justificar atos que ainda naquela época eram considerados como “crimes contra a natureza”. Na Inglaterra, por exemplo, o dramaturgo Oscar Wilde foi condenado, em 1895, a dois anos de prisão com trabalhos forçados, sob a acusação de praticar sodomia com Lord Alfred Douglas, criando um escândalo moral público do tipo em que os ingleses são mestres. As repercussões deste escândalo foram graves e iriam retardar em muitos anos o desenvolvimento da emancipação homossexual naquele país, que já era anunciada pelos trabalhos de Havelock Ellis e Edward Carpenter.

Havelock Ellis (1859-1939), embora não fosse homossexual, tinha um interesse pessoal - no assunto devido ao fato de ser casado com uma lésbica. Era um médico de idéias socialistas que dedicou sua vida ao estudo da sexualidade em geral. Embora negasse a concepção de um “terceiro sexo”, era um grande partidário do determinismo biológico e concebia a homossexualidade como uma “involução do impulso sexual”, que ele considerava como sendo bastante inócua. Apesar do seu tom às vezes moralista, exigido pelos preconceitos de sua época, foi ele quem estabeleceu certos parâmetros que durante anos iriam nortear campanhas em favor dos homossexuais:

- 1) *O homossexualismo seria marca característica de uma certa minoria incurável.*
- 2) *As tentativas de reforma deveriam se voltar para provocar mudanças na lei permitindo que esta minoria vivesse em paz.*
- 3) *Para esta reforma, seria preciso antes um período de educação. do público.*

Juntamente com J. A. Symonds, escreveu um livro de grande importância, mas que só pôde ser editado na Alemanha, pois na Inglaterra este sóbrio trabalho científico era considerado pornográfico. Quando finalmente o livro foi publicado em inglês com o nome de *Inversão Sexual*, seu co-autor já havia morrido e sua família não permitiu que seu nome aparecesse, roubando-lhe desta forma a glória póstuma de ter sido co-autor de um dos livros mais importantes sobre a sexualidade dentre os escritos no seu século. Em uma época em que pouco se falava sobre lesbianismo, Ellis foi um dos autores que mais ênfase deu ao assunto. Enquanto ele negava a natureza intrinsecamente efeminada do homossexual masculino, atribuía uma natureza masculinizada à lésbica, acreditando existir profundas diferenças biológicas entre a sexualidade feminina e a masculina. Para ele, o elemento de auto-afirmação na sexualidade lésbica seria masculina, já que, de acordo com sua perspectiva biologizante, considerava que as mulheres eram por natureza passivas e receptivas às investidas sexuais do homem.

A relação entre a defesa de uma sexualidade mais livre e o socialismo que marca a posição de Ellis norteou também o trabalho e a vida de um grande herói do socialismo utópico inglês, Edward Carpenter (1844-1929). Influenciado pelas idéias do poeta americano Walt Whitman, Carpenter acreditava num companheirismo que poderia incluir relações homossexuais entre homens e que seria um fator de equilíbrio para o materialismo, uma forma de espiritualizar a democracia e unir as classes sociais. Como os outros da sua época, acreditava que masculinidade, feminilidade e homossexualidade tinham bases biológicas. A sua contribuição mais interessante é que achava

que os uranistas eram seres superiores justamente porque combinavam aspectos femininos e masculinos, capazes, portanto, de formar uma ponte entre os dois. Nos seus argumentos para justificar a homossexualidade, citava a existência de homossexuais excepcionalmente talentosos.

Carpenter não foi apenas um teórico. Procurava viver a sua teoria e por muito tempo morou numa casa de campo ao lado de seu amante, George Merrill, um operário. A casa deles se tornou uma meca de peregrinação não só para muitos integrantes do movimento trabalhista, como também para vegetarianos, militantes contra o alcoolismo, espiritualistas, ateus, antivisseccionistas, socialistas, anarquistas, artesãos, intelectuais de Cambridge e de Londres e homossexuais.

Nesta época, vários grupos foram constituídos em países europeus para lutar contra a descriminalização da homossexualidade, mas o mais importante foi o estabelecido na Alemanha para abolir o artigo 175 do Código Penal daquele país, que punia o comportamento homossexual entre homens. Este foi fundado em 1897 pelo médico judeu e homossexual Magnus Hirschfeld. Na sua campanha para abolir o artigo 175 e interessar os homossexuais a lutar em favor de seus direitos, o comitê publicou vários livros e panfletos, além do Anuário para Tipos Sexuais Intermediários. Tão bem-sucedida foi esta campanha que conseguiu mais de seis mil assinaturas de personalidades e médicos importantes para um abaixo-assinado e a adesão pública do líder do Partido Social-Democrata, August Bebel, que chegou a proferir um discurso no Reichstag em seu favor.

Hirschfeld acreditava, como Ellis e Carpenter, que as causas do uranismo eram fundamentalmente biológicas. Discordava dele Benedict Friedlander, que saiu do Comitê para fundar um grupo dissidente (Comunidade dos Especiais) e que mencionamos em parte porque suas idéias se parecem com as nossas. Acreditava ele que a homossexualidade não era inata. Ridicularizava a noção de “estados intermediários” e por não concordar com a equiparação dos homossexuais a doentes, atacava a preponderância de

médicos no Comité. Além disso, ele percebia que o comportamento sexual não coincidia com as categorias de homossexual e heterossexual, pois os chamados homossexuais eram capazes de se relacionar heterossexual mente e vice-versa. Assim, ele antecipava as idéias desenvolvidas depois da segunda guerra mundial por Alfred Kinsey. Além disso, Friedlander achava que a bissexualidade era a forma mais plena e menos distorcida da sexualidade humana.

Hirschfeld, entretanto, continuou seu trabalho de vento em popa, fundando em 1919 em Berlim o Instituto de Ciência Sexual e organizando o Primeiro Congresso Internacional para a Reforma Sexual. No segundo congresso, em 1928, em Copenhage, foi eleito, junto com Ellis, presidente honorário da recém-fundada Liga Mundial para a Reforma Sexual. Participaram destes congressos representantes de vários países, entre eles Alexandra Kollontai, líder bolchevista e pioneira da luta dos direitos das mulheres, pois na União Soviética imediatamente pós-revolucionária dava-se muita importância à questão da “libertação sexual”, chegando-se até a propor a abolição da instituição familiar. Em dezembro de 1917, o governo bolchevique aboliu as leis contra atos homossexuais. Esta medida fazia parte de uma série de iniciativas visando promover uma verdadeira revolução sexual: facilitar o divórcio e o aborto, a legalização da prostituição, concubinato e incesto. A tomada de posição da União Soviética de que a homossexualidade não prejudicava ninguém e que não era problema legal mas sim científico, fez com que os radicais de outros países também apoiassem as reivindicações dos homossexuais. Porém, já no final da década de 1920, surgiram indícios de mudança com a ascensão de Stalin ao poder. No Congresso da Liga Mundial de 1929, os delegados soviéticos de linha mais dura não falaram em homossexualismo, mas condenaram o aborto, ressaltando a importância da “consciência da maternidade” entre as mulheres trabalhadoras.

Os stalinistas começaram a desenvolver uma visão da homossexualidade como produto da decadência do setor burguês da sociedade. Glorificando a “decência proletária”, começou-se uma campanha contra os homossexuais e esses passaram a ser expurgados do Partido, discriminados, vigiados e denunciados. Em janeiro de 1934 foram efetuadas detenções em massa de homossexuais em Moscou, Leningrado, Kharkov e Odessa. Artistas, intelectuais e outros foram condenados a vários anos de prisão ou exílio na Sibéria, e foi gerada desta forma uma onda de pânico e suicídios. Finalmente em março de 1934, com o apoio pessoal de Stalin, foi introduzida uma lei punindo homossexuais masculinos com até oito anos de prisão. Esta medida encontrou o apoio da imprensa que iniciou uma violenta campanha contra a homossexualidade com a colaboração do escritor realista socialista Máximo Gorki.

O retorno à repressão da homossexualidade fazia parte de um conjunto maior de medidas stalinistas em defesa da concepção tradicional da família, culminando com a abolição do direito ao aborto em 1936. É interessante notar aqui a mesma relação “defesa da família tradicional/ ataque à homossexualidade”, que observamos no caso da Europa e até o Brasil no final do século XIX. Não era diferente daquela estabelecida pelos alemães nazistas nesta mesma época. Se, na União Soviética, declarava-se a homossexualidade uma “perversão fascista”, na Alemanha nazista a homossexualidade ou qualquer desvio da sexualidade procriativa intramarital era vista como “bolchevismo sexual”.

Em maio de 1933 começou uma campanha de depuração das bibliotecas de livros “pouco germânicos”, e o primeiro alvo foi o Instituto de Hirschfeld, que foi atacado por estudantes da Academia de Ginástica com o acompanhamento musical de uma fanfarra. Foram queimados em praça pública mais de 10.000 livros, fotografias, arquivos e um busto do próprio Hirschfeld. Este, já a partir de 1932, tinha se exilado e veio a morrer na França pouco depois da destruição de seu Instituto.

Apesar da esquerda alegar que os nazistas eram em grande parte homossexuais, a posição hitlerista era claramente contra esta forma de sexualidade. Quando, em 29 de junho de 1934, uma disputa pelo poder no seio do nazismo ocasionou o assassinato de Ernst Rohm e outros líderes da S.A., conhecidos pelas suas práticas homossexuais, acabaram os últimos resquícios de qualquer tolerância da homossexualidade na Alemanha. Em 1935, o número de condenações sob o parágrafo 175 era de 835. Em 1935, a abrangência deste parágrafo foi aumentada para incluir beijos, abraços e até fantasias homossexuais, entre os crimes passíveis de punição.

Assim, em 1936, 5.321 pessoas foram condenadas e em 1939 o número subiu dramaticamente para 24.450. Estes, depois de condenados, passavam pelas mãos da Gestapo e eram enviados para campos de concentração onde eram freqüentemente castrados e mantidos sob regimes de trabalho forçado e de subnutrição especialmente concebidos para acelerar sua morte. Marcados com um triângulo cor de rosa costurado nos seus uniformes, eles sofriam não só a perseguição e as violências dos seus captores como também dos outros prisioneiros, e, até hoje, quando se fala nas vítimas dos campos de concentração eles são sistematicamente excluídos.

Não se sabe o número exato de pessoas condenadas sob o parágrafo 175 que foram exterminadas desta forma, embora a cifra oficial estime que tenham sido entre 50 a 80.000. Muitos consideram esses números demasiadamente baixos, e realmente é difícil a computação dado o fato do parágrafo 175 ter sido mantido na Alemanha Ocidental pós-guerra, o que levou poucos sobreviventes a se pronunciarem e exigirem indenização. Além de outras coisas, o que se pode aprender desta história é o grau de vulnerabilidade de homossexuais perante mudanças bruscas da opinião pública, mesmo em cidades liberais e avançadas como era a Berlim da década de 1920, cuja fama de “capital da homossexualidade” poderia ser comparada com a de São Francisco hoje em dia.

De 1935 a 1948, os movimentos deixaram de existir. A próxima marca importante desta história é a publicação em 1948 nos Estados Unidos do livro *O Comportamento Sexual do Homem*, de Alfred Kinsey (*Relatório Kinsey*). Este estudo detalhado e cientificamente respeitável compilou informações estatísticas sobre um total de 12.214 entrevistas de homens brancos. Mostrou que, em termos de comportamento, os homens dos Estados Unidos não podem ser divididos em dois grupos estanques: homossexuais e heterossexuais.

Kinsey descobriu que é melhor pensar em termos de um contínuo que se estende do comportamento exclusivamente heterossexual até o comportamento exclusivamente homossexual. A população masculina se espalha entre esses dois pólos. Assim, constatou que 37% dos homens de seu país tinham tido pelo menos uma experiência homossexual que levasse ao orgasmo. 18% tinham tido pelo menos tantas experiências homossexuais quanto heterossexuais durante um período mínimo de três anos, e 4% era exclusivamente homossexual. Mostrando a não-coincidência entre as categorias sociais de “homossexual” e “heterossexual” e o verdadeiro comportamento sexual dos homens, Kinsey acabou comprovando as idéias de Friedlander que mencionamos anteriormente.

Mas o que era mais importante para o movimento de reivindicação dos direitos dos gays era a elevadíssima incidência de comportamento homossexual nos Estados Unidos. Não era mais possível ignorar que a homossexualidade era um fenômeno bastante amplo na sociedade e certamente não restrito a uma pequena minoria de “desviantes”.

No mesmo ano em que foi publicado o *Relatório Kinsey*, foi fundada a Sociedade Mattachine, cujo nome foi tomado de um famoso bobo de corte renascentista, originalmente uma associação secreta cuja estrutura foi copiada do Partido Comunista Americano. Apesar de ter sido fundada por pessoas com posições políticas bastante radicais, a Sociedade Mattachine adotou uma linha de moderação e cautela visando a integração do homossexual na

sociedade através da reforma das leis anti-homossexuais dos Estados Unidos. Seus associados muitas vezes aceitaram a noção da homossexualidade como doença, freqüentemente adotavam pseudônimos e enfatizavam a sua “respeitabilidade”. A própria palavra “homossexual” tendia a ser rejeitada devido à sua ênfase no “sexual”, e outros neologismos foram adotados, como “homófilo” e “homoerótico”.

Esta postura aparentemente tímida é bastante compreensível se levarmos em conta a natureza repressiva da sociedade americana de então, e da ameaça constante que o macartismo apresentava para qualquer atuação política mais radical.

Como os outros grupos que o precederam na militância homossexual, a Sociedade Mattachine sofreu desavenças internas, levando ao surgimento de novas associações, das quais as mais importantes eram “One Inc.” e o grupo exclusivamente lésbico “As filhas de Bilits”. Em outros países também surgiram grupos parecidos, como “Arcadie”, na França, “Forbundet 48” na Dinamarca, “COC” na Holanda etc.

Apesar de preconizar atitudes políticas “moderadas”, essas associações tiveram uma atuação importante e em alguns casos até audaciosa, como uma passeata automobilística realizada em Los Angeles em 1966 para protestar contra a exclusão de homossexuais das forças armadas americanas. A importância destes grupos homófilos pode ser avaliada pelo fato de que em 1969 havia 150 deles nos Estados Unidos.

Mas a partir de 1969, o movimento homossexual, inicialmente nos Estados Unidos mas depois em inúmeros outros lugares, tomou uma feição mais radical. Isto se seguiu ao surgimento do movimento hippie e ao desenvolvimento da chamada contracultura. Inicialmente não se questionava muito os papéis sexuais. De fato, em alguns casos a procura de formas de vida que fossem mais “naturais” até reforçou estereótipos destes papéis com uma ênfase na versão idealizada da “mulher camponesa”, “meiga e fértil” como um novo modelo feminino. Mas os eventos de maio de 1968 em Paris e a

incorporação de noções de libertação sexual pela contracultura, juntamente com uma nova militância negra e feminista, formam o pano de fundo social para a criação da Frente de Libertação Gay (F LG ), que começou nos Estados Unidos, mas logo se espalhou para grande parte da Europa Ocidental.

O que parece ter marcado o nascimento deste grupo foi a “Rebelião de Stonewall”, que é para o movimento homossexual algo parecido com a tomada da Bastilha para a Revolução Francesa. Na noite de 28 de junho de 1969, uma sexta-feira, alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas, a polícia tentou interditar um bar chamado “Stonewall Inn”, localizado em Christopher Street, a rua mais movimentada da área conhecida como o “gueto” homossexual de Nova York.

O que era para ser simplesmente uma ação policial rotineira, suscitou uma reação inédita. Os freqüentadores do bar reagiram e começou uma batalha que durou o fim de semana inteiro. Gritava-se palavras de ordem como “Poder Gay”, “Sou bicha e me orgulho disso”, “Eu gosto de rapazes” etc. Pouco depois a Frente de Libertação Gay lançou seu jornal, Come Out (Assuma-se) e decretou-se a data de 28 de julho “Dia de Orgulho Gay”, em comemoração deste “mito de origem”. Como sempre, os militantes que pretendiam politizar explicitamente a questão homossexual eram uma minoria. Mas o seu posicionamento refletia uma mudança mais generalizada entre uma proporção considerável da população homossexual.

As palavras de ordem “Assuma-se” ou “Saia da clandestinidade e vá para as ruas” foram levadas a sério por um grande número de pessoas nas suas vidas cotidianas. Entre muitos, o velho hábito de esconder as suas preferências sexuais passou a ser considerado não somente prejudicial, mas até vergonhoso. Nos Estados Unidos e na Europa Ocidental principalmente chegou até a ser moda o uso de sinais homossexuais tais como a letra grega  $\Lambda$  (lambda) ou botões com dizeres do tipo: “Como ousa pensar que eu seja heterossexual?”. Mesmo no Brasil, principalmente entre pessoas que

desfrutam de uma maior independência sócio-econômica, tornou-se comum a adoção de uma identidade gay.

E óbvio que sob muitos aspectos este é um desenvolvimento altamente positivo, diminuindo em grande parte as antigas tensões impostas pela clandestinidade e a vergonha. Mas é relevante ressaltar que freqüentemente embutida nesta nova postura está a adoção de uma identidade também imposta de fora com suas regras préestabelecidas. A principal delas sendo aquela que restringe a possibilidade de relações do gay somente a pessoas do seu próprio sexo. Para resolver problemas causados por esta nova rigidez, inventou-se também a figura do “bissexual”, mas este permanece um personagem profundamente ambíguo e muitas vezes malvisto tanto pelos hetero quanto pelos homossexuais.

A exploração comercial deste novo mercado também acaba impondo padrões de beleza, consumo e relacionamento, que também se tornam altamente repressivos e prejudiciais àqueles que por razões de posição sócio-econômica, idade, origem étnica, comportamento etc., não se coadunam à moda vigente. Ao mesmo tempo, a moral sexual normalmente aplicada às relações heterossexuais se impõe cada vez mais sobre os relacionamentos homossexuais. O ideal é o “casal feliz”, e o homossexual solitário “promíscuo” é visto como um coitado, na melhor das hipóteses, e como um “desajustado”, na pior. Os que preferem a companhia sexual de prostitutas ou o “sexo perigoso” com pessoas de outras classes sociais e etnias são também malvistos por esta ideologia “heterossexual” reproduzida nos meios homossexuais. O ridículo e ostracismo que estes novos “desviantes” passam a sofrer muitas vezes deixam pouco a dever às perseguições tradicionais dirigidas às -bichase aos “sapatões”. Surge então um novo mercado para os médicos e psicólogos “modernos”, que podem se dedicar à tarefa de ajustá-los às novas regras sociais.

Foi este tipo de preocupação que levou à proliferação das alas mais radicais do movimento homossexual, embora os mais moderados

“homófilos”, continuassem a prosperar. A diferença entre os dois tipos de grupo não era só no grau de militância a que se dispunham. (Mesmo os “moderados” se tornaram mais agressivos, promovendo manifestações, piquetes, boicotes etc.) Os “radicais” iam além da exigência por direitos civis e desprezavam a posição dos “homófilos” que desejavam provar que os homossexuais eram simplesmente cidadãos decentes, perfeitamente integráveis à sociedade existente.

A FLG e outros grupos colocaram em questão a eficácia de mudanças legais como uma solução para os problemas dos homossexuais. Na Inglaterra, por exemplo, constatou-se um crescimento no número de prisões de homossexuais depois da abolição da lei contra sodomia entre adultos em recintos fechados. (Continuava crime quando envolvendo pessoas com menos de 21 anos.) Os homossexuais continuavam vulneráveis a uma série de outras leis como as que punem a vadiagem, atentado ao pudor etc., que são facilmente aplicadas casuisticamente para atingir qualquer grupo social que se pretende intimidar. Foram levados a desenvolver uma teoria mais complexa e sofisticada sobre a repressão sexual em geral. Rompendo de vez com as teorias biologizantes e psicologizantes dos seus precursores, como Hirschfeld, Ellis, Carpenter etc., eles reconheceram e incorporaram a diferença fundamental entre sexo biológico e “sexo social”, isto é, os papéis de gênero, masculinos e femininos.

Como as feministas reconheceram anteriormente, estes elementos mais radicais insistiram nas bases sociais dos padrões estereotipados de masculinidade e feminilidade. Nessa linha, alguns chegaram a colocar em questão a inevitabilidade da dicotomia hetero/homossexual e, como Friedlander, preconizaram a bissexualização da sociedade. Surgiram novos intelectuais que articularam o ponto de vista que enfatiza os aspectos sociais, culturais e políticos na construção histórica da sexualidade em geral e a homossexualidade em particular. Segundo eles, a divisão do mundo em “homossexuais”, “heterossexuais” e “bissexuais” não é natural. Apelam

novamente à autoridade de Alfred Kinsey: “Deveria ser evidente que não se justifica o reconhecimento de dois tipos de indivíduos, homossexual e heterossexual, e que a caracterização do homossexual como terceiro sexo não se coaduna com qualquer realidade.”

# AS LÉSBICAS - UMA PEDRA NO SAPATO DAS FEMINISTAS E DAS BICHAS

Como foi dito no primeiro capítulo, apesar do primeiro grupo brasileiro de ativistas homossexuais, o Somos/SP, ter originalmente pretendido congregiar tanto homossexuais masculinos quanto femininos, depois de alguns meses a maioria das mulheres saiu do grupo para formar um outro, que fosse exclusivamente lésbico. Isto se deu em grande parte devido ao fato de elas se sensibilizarem por várias diferenças importantes entre a problemática homossexual masculina e feminina, que as levaram a se identificar mais intimamente com as militantes feministas.

Porém, no Brasil, como em outros países, as lésbicas encontraram uma forte relutância inicial, mas agora já superada, por parte das feministas, em admitir em suas organizações mulheres que faziam questão de se assumirem publicamente como homossexuais. A opção sexual das lésbicas não deixava de causar estranheza e até repulsa às feministas heterossexuais. Isto ocorria apesar de muitas mulheres homossexuais já estarem vivendo suas vidas de acordo com os ideais de autonomia pessoal que, para muitas das feministas, ainda não passava de aspirações a serem realizadas em um futuro não-imediato.

Nos primeiros anos de existência da gigantesca organização feminista “moderada” americana NOW, a própria fundadora e então presidenta da organização, Betty Friedan, se colocou fortemente contra um posicionamento favorável ao lesbianismo por parte daquela entidade. Sua atuação oportunista, para não dizer preconceituosa, foi justificada sob a alegação de que era necessário preservar a imagem das feministas. O fato é que já há muito tempo aqueles que se opõem à emancipação feminina têm usado como uma de suas primeiras formas de ataque a acusação de que mulheres empenhadas em se impor socialmente seriam lésbicas.

Para mencionar um exemplo brasileiro recente, lembramos uma manchete do jornal Hora do Povo, que durante a campanha eleitoral de 1982 apoiava o peemedebista Miro Teixeira contra sua então principal rival ao governo do estado do Rio de Janeiro. Sandra Cavalcanti. Uma das edições vinha com grande parte de sua primeira página preenchida por letras garrafais na manchete: “Miro entra de sola em Sandra sapatão”. Convém lembrar que a senhora em questão, longe de ser feminista, era uma política extremamente conservadora e apelava para ideais tradicionais como a proteção da família. Mas como uma mulher ambiciosa e empenhada em disputar com homens o poder, ela estava inevitavelmente exposta a este tipo de acusação.

Mas, embora esta rotulação de mulheres dominantes e de caráter forte como homossexuais tenha geralmente sido usada com o fim de isolar tais mulheres e evitar a formação de organizações femininas poderosas, elas nem sempre foram destituídas de algum fundamento. Hoje, quando o movimento feminista em geral já começa a encarar mais abertamente a questão, surge o reconhecimento público de que numerosas militantes em organizações reivindicatórias femininas eram ou são lésbicas.

Recentemente, uma cientista social feminista, Annabel Faraday, chegou a postular que a lésbica não deve ser vista como a simples versão feminina do homossexual masculino. Afirmando que, embora os dois tenham em comum o fato de não serem heterossexuais, ela mantém que se a heterossexual idade for vista como uma relação de poder entre homens e mulheres, então o que homossexuais masculinos e lésbicas estão rejeitando são duas experiências opostas.

Segundo Faraday, a conceptualização corrente da lésbica, simplesmente em termos de sua atividade sexual, ignorando o significado e o contexto social desta sexualidade, serve somente para restringir e confinar as mulheres dentro de definições masculinas. Ao presumir que esta preferência seja um dado da natureza, em vez de procurar entender o que leva uma mulher a escolher outra mulher como parceira, cai-se na concepção de “condição” ou de “mulheres

que se descobrem homossexuais”. Daí a vê-las como problemáticas, neuróticas etc., é só um pequeno passo.

Em contrapartida, um grupo radical americano, as “Radicalesbians”, propõe que as mulheres deixem de ser julgadas em termos de seu comportamento sexual e que sejam tomadas em conta as suas identidades totais. Deixando de lado o termo “lésbicas”, elas preferem falar em “mulheres identificadas com mulheres”, enfatizando a significação política de se colocarem como mulheres em primeiro lugar, numa sociedade que exige que elas estruturem suas vidas em torno dos homens.

Novamente aqui vemos colocada a questão da homossexualidade em termos de um papel social, neste caso muitas vezes conscientemente assumido. Adaptando este caso ao nosso esquema, podemos dizer que, na visão popular, as feministas seriam consideradas mulheres-homens. (ou “sapatões” como ainda hoje acontece), pois as qualidades de independência, questionamento, inovação, auto-afirmação etc., cultivadas por estas mulheres, são tradicionalmente atributos do papel masculino.

Porém, a essência deste movimento é justamente a contestação desta organização dos papéis sexuais. Estando dispostas a levar esta contestação até o fim, algumas feministas radicais não recuam perante a adoção de outro aspecto do papel tradicionalmente reservado aos homens biológicos, a adoção de mulheres como suas parceiras. Como esta escolha muitas vezes faz bastante sentido, visto no contexto da luta política em que estão empenhadas, não há nada a estranhar. Afinal, como já vimos, o sentido mais fundamental de suas exigências é justamente a negação de qualquer limitação apriorista em nome de uma “naturalidade” espúria das formas de comportamento permissíveis ao indivíduo.

Mas, voltando às dificuldades de relacionamento notadas entre os homossexuais masculinos e femininos, vemos que estas se dão em vários níveis. Um dos mais importantes se relaciona ao significado diferente atribuído à sexualidade por homens e mulheres na sociedade contemporânea.

Uma recente pesquisa sobre homossexuais masculinos e femininos realizada em São Francisco mostra que os homens tendem a ter relações sexuais muito mais freqüentes que as mulheres. De forma menos objetiva, qualquer freqüentador do meio lésbico pode chegar à mesma conclusão, pois é comum se encontrar casais de mulheres que, apesar de se considerarem um par ou um “caso”, mantêm pouquíssimas relações sexuais uma com a outra. Muitas vezes é o vínculo afetivo que é considerado mais importante, ou então o contato sexual pode ser mais uma questão de carícias feitas em várias regiões do corpo do que um contato voltado essencialmente para os órgãos genitais. Outro dado constatado é que, embora haja uma tendência para os homossexuais de ambos os sexos serem mais promíscuos que seus equivalentes heterossexuais, no geral as lésbicas têm “casos” mais duradouros que os homens, além de serem mais “fiéis” às suas parceiras do que eles.

Recentemente tem até sido defendida a posição de que as sexualidades masculina e feminina seriam intrinsecamente diferentes, tanto as mulheres heterossexuais quanto as homossexuais dariam muito menos ênfase à genitalidade que os homens, sendo mais adequado considerar a sua sexualidade como difusa em seu corpo inteiro e muito menos centrada na experiência de um clímax cujo modelo geralmente é a ejaculação masculina. Isto serviria para explicar as grandes diferenças geralmente encontráveis no comportamento sexual de homossexuais de ambos os sexos. Basta lembrar o quanto é diferente o comportamento característico de uma grande proporção dos homossexuais masculinos extremamente promíscuos e muitas vezes quase obsecados por detalhes físicos e fisiológicos como tamanho do pênis, o seu próprio ou o do parceiro, e o número de relações sexuais que são capazes de manter em um dia, independentemente do tipo de relação afetiva estabelecida.

Uma outra explicação mais sociológica para estas diferenças levaria em conta o fato da educação diferenciada a que são submetidas as crianças dos dois sexos tender a desenfatar a sexualidade para as meninas, enquanto esta é apresentada aos meninos como uma importante forma de auto-afirmação.

Portanto, esta maior incidência de relações sexuais em casais masculinos em contraste com os casais femininos seria bastante previsível. Outra implicação desta constatação é a aparente confirmação da alegação de que o lesbianismo é melhor compreendido se dermos menos ênfase às relações sexuais e mais aos seus aspectos de sociabilidade e apoio mútuo.

Estas diferenças decorrentes da maneira diferente de homens e mulheres encararem a sexualidade são uma importante fonte de desentendimento entre homossexuais masculinos e femininos. Alguém já disse que os homossexuais são as únicas pessoas que levam o sexo a sério hoje em dia, pois funcionam em tempo integral. De fato, entre os homens freqüentadores do meio homossexual, às vezes parece ser quase questão de honra não deixar escapar nenhuma possibilidade de uma relação sexual, e este é o tema constante das conversas. Alguns dão a impressão de considerarem todos os homens como possíveis parceiros, manifestando assim uma adesão pelo menos parcial à visão que aqui chamamos de “popular” de papéis sexuais.

Quando a dicotomia ativo/passivo predomina, sempre se pode encontrar gays dispostos a adotar um papel “passivo”, se isto possibilitar uma relação sexual com um homem atraente que insista em ser “ativo”. Incluímos aqui a palavra “atraente” porque, pelo menos ao nível das atitudes declaradas, freqüentemente parece ser importante entre os homossexuais masculinos a aparência do parceiro, sendo muito prezadas a juventude e a beleza física.

O que choca as feministas e outras pessoas “sérias” é o fato de geralmente as ligações sexuais entre homossexuais masculinos serem extremamente fugazes, muitas vezes não ultrapassando um único encontro. Se por acaso não for possível encontrar um parceiro, recorre-se à masturbação, auxiliada talvez por uma revista pornográfica. Outra alternativa é uma visita a uma “sauna gay”, onde, além de poder assistir videocassetes pornográficos, o freguês tem a oportunidade de ocupar um pequeno cubículo de repouso juntamente com algum outro freqüentador que tenha despertado o seu interesse. Caso nenhum lhe interesse, ele pode ainda pagar o massagista de

plantão e fazer um relax. Hoje, de fato, em algumas das grandes cidades brasileiras, as oportunidades abertas a um homem para ter uma relação sexual descompromissada com outro homem são quase infinitas.

Esta propensão ao sexo impessoal agride profundamente as mulheres, tanto hetero quanto homossexuais, criadas como foram a associar sexo e afeto, e elas freqüentemente criticam asperamente os homossexuais masculinos, alegando que eles são inconstantes e alienados. O que as deixa especialmente indignadas é a prostituição e a pornografia, por serem instâncias da transformação de pessoas em “objetos sexuais”, isto é, o isolamento daqueles aspectos vistos como estritamente relacionados à sexualidade, da totalidade da personalidade de uma pessoa. O que provoca tanta rejeição entre feministas é que esta “objetificação sexual” é considerada por elas, e com boas razões, uma das maneiras como tradicionalmente os homens têm oprimido as mulheres.

Porém, talvez caiba aqui levantar novamente a constatação de que é perigoso ignorar a significação social que envolve a sexualidade em casos específicos. Poderíamos arriscar a opinião de que, em uma sociedade onde os homens dominam, o sexo impessoal entre eles adquire um significado diferente e menos opressivo daquele que envolve parceiros de sexos distintos, em que já de início um está em uma posição privilegiada somente por ser homem.

O costume de alguns homossexuais masculinos de imitar o comportamento das mulheres, e até de se referirem a si mesmos usando formas femininas, é percebido por muitas feministas heterossexuais ou lésbicas como uma forma de agressão. O homossexual extremamente desmunhecado é freqüentemente acusado de reforçar, na sua versão caricatural da feminilidade, os seus aspectos mais opressivos. Coerentemente elas também antipatizam com a reprodução dos papéis “ativo”/”passivo”, “fanchona”/”lady” que hoje parecem predominar mais no “gueto” lésbico que no homossexual masculino.

Embora estas reações sejam bastante compreensíveis, parece-nos importante chamar a atenção para certos aspectos positivos, como a corrosividade e o deboche geralmente presentes nestes pastiches de masculinidade e feminilidade. Especialmente entre os homossexuais masculinos freqüentadores do “gueto”, é muito prezada a “fechação” (um tipo de desmunhecação proposital e escandalosa) como forma de humor, expressão de uma identidade grupal e meio de agredir os que têm preconceitos anti-homossexuais.

Parece razoável, portanto, lembrar àqueles que criticam esta adoção de caricaturas dos papéis de gênero normalmente reservados aos membros do sexo biológico oposto, que quando homens se portam como vamps da Hollywood da década de 1940, eles não estão necessariamente manifestando um desejo de realmente virarem mulheres fúteis, e sim ridicularizando a artificialidade daqueles papéis. Era este, por exemplo, o sentido da atuação já mencionada dos Dzi Croquettes. Até o travesti, quanto mais parecido consegue ficar com uma mulher, mais ele está pondo em questão a naturalidade de qualquer tipo de feminilidade, pois tanto ele quanto os que o cercam, no fundo, nunca podem esquecer-se completamente que ele é de fato um homem.

Mas é preciso lembrar aqui que estes tipos de comportamento são extremos e talvez a nossa representação deles tenha até exagerado seus aspectos caricaturais. Normalmente, o comportamento de indivíduos homossexuais segue muito mais fielmente as normas vigentes para o seu sexo e geralmente é preciso ter uma percepção muito aguda para poder identificar um homossexual (tanto masculino quanto feminino) que não deseja se mostrar como tal.

Também vale a pena ressaltar que as generalizações feitas aqui sobre homossexuais masculinos e femininos devem ser matizadas pela lembrança de que homens e mulheres nunca formam blocos homogêneos, e que as variações existentes dentro de cada grupo social podem ser tão grandes

quanto as que existem entre estes mesmos grupos. Apesar das diferenças mencionadas, homossexuais masculinos e femininos freqüentemente se unem tanto para fins de lazer quanto para reivindicações políticas, como ocorreu na já mencionada manifestação contra a violência policial em São Paulo.

Acima de tudo, o grande fator de união dos homossexuais de ambos os sexos é a posição marginalizada e desviante que lhes é reservada na sociedade. Além da discriminação a que estão sujeitos, existem outros problemas comuns aos dois grupos, como, por exemplo, a falta de modelos tradicionalmente estabelecidos que norteiem as relações homossexuais. Tanto os homens quanto as mulheres são defrontados com sérios problemas quando tentam adotar os padrões heterossexuais para seus relacionamentos, uma vez que inexistem nos seus casos os fatores externos importantes para a manutenção da estabilidade dos casais heterossexuais, tais como pressões familiares, vicinais e de trabalho, e a responsabilidade pela criação dos filhos. Ao contrário dos heterossexuais, casais homossexuais não são unidos por nenhuma espécie de contrato social e geralmente a principal base de seus relacionamentos é a atração e afeição mútuas. Bases essas que são notoriamente impermanentes.

De qualquer forma, apesar das diferenças de experiência social e sexual entre heterossexuais e homossexuais, a maior parte das quais se derivando do estigma social de que eles sofrem, alguns problemas fundamentais são comuns a todos, e algumas das questões discutidas entre homossexuais se repetem, palavra por palavra, entre mulheres e homens predominantemente heterossexuais. Afinal, muita gente, hoje em dia, se preocupa com as vantagens e desvantagens do “caso fixo” ou casamento, das “aventuras sexuais”, do sentido do amor etc. Entre homossexuais e heterossexuais existem ideólogos do “casamento aberto”, do “amor livre”, do “casamento tradicional” e assim por diante. Mas como poderia ser de outra forma, se tanto homossexuais quanto heterossexuais pertencem à mesma sociedade, compartilhando, portanto, da mesma cultura?

## FECHANDO...

Ao longo deste livro mostramos várias maneiras de pensar e agir em relação à homossexualidade, desde antes da criação do conceito nas páginas dos artigos médicos de Benkert até os movimentos modernos de reivindicação homossexual e a gradual incorporação da homossexualidade como assunto que vende livros, programas de televisão, boates, saunas etc. Vimos como a homossexualidade passou de pecado e crime a ser encarada também como doença. Vimos que nos anos recentes criou-se a noção do “homossexual sadio”, mesmo se no Brasil continue na lista de doenças mentais com o código 302.0.

No seio do movimento homossexual brasileiro, observamos como a luta contra a discriminação sexual se aliou a outras lutas das assim chamadas minorias a partir do início da “abertura política”, participando com elas numa campanha contra o “machismo” e o “autoritarismo” em geral. Em todos estes movimentos sociais há uma forte vertente igualitária que, ao rejeitar formas “autoritárias” de controle, chega a rejeitar até a idéia de representação política. Esta ênfase, que é muito mais evidente nos movimentos brasileiros do que naqueles de outros países, se deve, pelo menos em parte, a uma forte reação aos terríveis anos da ditadura que os precedera.

Há muito em comum entre os movimentos feminista e homossexual. Um dos nossos argumentos principais é o de que a homossexualidade não pode ser pensada isoladamente da sociedade como um todo que a produz. Seria como tentar compreender uma sociedade indígena sem levar em conta a FUNAI, o CIMI e as frentes de expansão geradas pelo desenvolvimento do capitalismo.

Observamos que, ao longo dos últimos anos, o que chamamos de um arranjo “popular” dos papéis sexuais está sob forte pressão por parte de áreas

das classes médias urbanas que, ao produzir uma ideologia essencialmente igualitária, colocam em cheque tanto os papéis tradicionais de “homem” e “mulher” como os papéis tradicionais de “bicha” e “sapatão”. E assim que entendemos o surgimento do “entendido” na década de 60 e a subsequente aparição do gay e do “homossexual militante”. Se os heterossexuais estão procurando novas formas de convivência, os homossexuais também o estão.

Até mais ou menos 1975, os partidos políticos de oposição consideraram que os movimentos feminista, negro e homossexual eram irrelevantes à luta geral, ou seja, a questão das desigualdades entre as classes sociais. O que marca os anos mais recentes destas áreas ditas minoritárias, é o fato de elas terem chegado a ser reconhecidas também como “políticas”, a partir de uma visão da sociedade que enxerga o poder não apenas no Estado, mas também na rua, no escritório, no hospital, dentro de casa e na cama. Esta “politização da vida cotidiana- é seguramente um dos fenômenos mais interessantes dos últimos anos. Fernando Gabeira, Herbert Daniel e outros que o digam. É justamente nesta época que Michel Foucault compete com os velhos heróis para o primeiro lugar das bibliografias dos cursos de ciências humanas das universidades.

Mas, por mais que estas idéias tenham sido amplamente divulgadas, atingiram apenas uma pequena minoria da população e temos as nossas dúvidas sobre o quanto elas estão postas em prática, mesmo por aqueles que mais proclamam na imprensa, na televisão e nas reuniões públicas. O fato é que a homossexualidade continua sendo tratada, na prática, como uma indigesta mistura de pecado, sem-vergonhice e doença. Diariamente, a imprensa marrom estampa manchetes que contam escândalos envolvendo homossexuais.

Na procura de emprego, os testes psicológicos ainda procuram detectar a orientação sexual dos candidatos. Nas famílias, muitos meninos e meninas sofrem horrores ao perceberem que sentem desejo homossexual; seus pais continuam ou rejeitando estes filhos ou, na melhor das hipóteses,

compartilhando a vergonha, como se fossem eles os responsáveis. Nas ruas, a polícia armada com as leis contra “vadiagem” discrimina homossexuais assim como discrimina os negros. Mesmo os amigos mais “tolerantes” ainda guardam um pouco de “pena” para seus amigos homossexuais.

Um dos fundadores do jornal *Lampião*, Antônio Crisóstomo, foi sentenciado a quase 4 anos de prisão, acusado de atentado violento ao pudor com sua filha adotiva, apesar de não constar nenhuma evidência de que a menina tenha sido violentada sexualmente. O advogado de defesa, na sua apelação, mostra claramente que o fator predominante que levou à sua condenação foi o fato de ele ser homossexual. Outros exemplos que certamente incluiriam dezenas de assassinatos de homossexuais ocorridos anualmente preencheriam muitas páginas, mas é importante frisar que, apesar de toda a tinta e energia gastas nos últimos anos, a homossexualidade continua sendo alvo de discriminação em todas as áreas da vida social.

No entanto, temos uma visão otimista do futuro, porque realmente a vida dos que são chamados e dos que se proclamam homossexuais nesta década de 80 é seguramente menos penosa do que foi aquela dos que vieram antes, graças em grande parte aos movimentos homossexuais no mundo todo. E de se esperar que este avanço continue, mesmo se os exemplos que citamos da União Soviética mostrem que todo “progresso é frágil. A ameaça de uma reação contra as primeiras liberdades conquistadas está sempre presente.

Porém, este “avanço” coloca novos problemas e novas angústias, pois se é verdade que a homossexualidade é em geral menos discriminada que antes, o seu reconhecimento como algo válido e legítimo tanto por parte das elites culturais quanto das do capital faz com que se estabeleçam novas normas de conduta que não deixam de cercear a vida social e sexual dos indivíduos. Se no Brasil que chamamos de popular, os rapazes são divididos entre “machos” e “bichas”, o mundo moderno opera no sentido de dividi-los em “homossexuais”, “heterossexuais” e, marginalmente, “bissexuais”, num linguajar erudito, e “entendidos”, gays, “caretas” e “giletas” na gíria corrente.

Tem muita gente que preferiria não ter que se submeter a estas novas categorias sociais que tendem a empurrá-los para “guetos” estanques. Prefeririam que estas categorias sociais fossem elas mesmas combatidas e acabam entrando em choque não só com a ciência médica mas também com alguns “homossexuais conscientes” que, por razões várias, têm interesse na manutenção das distinções. Afinal, negar a inevitabilidade da fronteira que separa os “homossexuais” dos “heterossexuais” colocaria em questão a própria noção de uma identidade homossexual que, para muitas pessoas, representa um modo de dar ordem às suas vidas, cheio de possibilidades de gratificação e muitas vezes “assumido” a duras penas.

O fato de haver um debate em torno destas questões e outras apenas confirma o argumento deste livro, que coloca a homossexualidade, acima de tudo, como um fato social. E como tal, é palco das mesmas disputas, paradoxos, contradições e transformações que caracterizam a sociedade como um todo.

## INDICAÇÕES PARA LEITURA

A bibliografia sobre homossexualidade é enorme. Sugerimos a leitura das seguintes, que têm o mérito de serem em português e de publicação recente.

BATINGA F., *A Outra Banda da Mulher - Encontros sobre a Sexualidade Feminina*, Codecri, 1981. Depoimentos de várias mulheres sobre sexualidade e lesbianismo.

DANIEL, H., *Passagem para o Próximo Sonho*, Codecri, 1982. Memórias de um guerrilheiro e último exilado político. Conta, entre outras coisas, a repressão exercida pelos guerrilheiros contra sua homossexualidade. Inicialmente excluído da Anistia, teve sua causa defendida pelo jornal *Lampião*.

DANIEL, M., e BAUDRY, A., *Os Homossexuais*, Artenova, 1977. Um catecismo com perguntas e respostas sobre tudo que você pode querer saber sobre homossexualidade. E o que evitamos fazer neste livro, mas não deixa de esclarecer muitas dúvidas.

FRY, P., *Para Inglês Ver - Identidade e Política na Cultura Brasileira*, Zahar, 1982. Contém, entre outras coisas, dois ensaios sobre a homossexualidade no Brasil. Um sobre a história da homossexualidade, outro sobre homossexualidade e candomblé.

FOUCAULT, M., *História da Sexualidade 1 - A Vontade de Saber*, Graal, 1979. Um livrinho imprescindível para aqueles que desejam se aprofundar numa discussão filosófica sobre a sexualidade no seu contexto histórico. Bastante abstrato, é de difícil leitura.

FOUCAULT, M., *Microfísica do Poder*, Graal, 1979. Entrevistas e pequenos artigos, este livro é o mais indicado para entender as idéias do autor a respeito de poder e sexualidade.

- GUÉRIN, D., *A Revolução Sexual*, Brasiliense, 1980. Um velho anarquista e libertário francês, bissexual, discute as obras de Reich e Kinsey.
- HERZER, A *Queda para o Alto*, Vozes, 1982. Depoimentos e poesias de uma menina que, durante internamento na FEBEM, “virou homem”. É um documento que representa uma importante denúncia contra aquela instituição e à repressão sexual. A autora suicidou-se algumas semanas antes do lançamento do livro, depois de perder seu emprego na Assembléia Legislativa de São Paulo, devido à sua ambigüidade sexual.
- HOCQUENGHEM, G., *A Contestação Homossexual*, Brasiliense, 1980. Obra de um antigo militante do movimento homossexual francês, apresenta uma visão polêmica das “conquistas” daquele movimento e uma apologia das “relações perigosas” contrastadas com o conforto de uma homossexualidade integrada ao sistema.
- KINSEY, A., et alii., *Q Comportamento Sexual do Homem*, Lisboa, Meridiana, 1972. Ainda o único livro confiável sobre sexualidade numa perspectiva quantitativa. O capítulo sobre homossexualidade continua brilhante e fundamental. Do mesmo autor existe o volume complementar sobre a sexualidade feminina.
- MACHADO, L.C., *Descansa em Paz, Oscar Wilde*, Codecri, 1982. Reflexões sobre as conseqüências da repressão da homossexualidade no Brasil. Dá destaque ao tema da violência.
- MANTEGA, G., (org.), *Sexo e Poder*, Brasiliense, 1979. Interessantes artigos sobre a sexualidade brasileira. Inclui uma entrevista com integrantes fundadores do movimento homossexual em São Paulo. Vale a pena ler.
- MARMOR, J. (org.), *A Inversão Sexual, As Múltiplas Raízes da Homossexualidade*, Imago, 1973. Contém artigos de psicólogos, médicos, psiquiatras e oferece, portanto, várias visões da ciência médica sobre a homossexualidade, algumas piores que outras.
- MASTERS, W. H., e JOHNSON, V. E., *Homossexualidade em Perspectiva*, Artes Médicas, 1979. Os dois famosos pesquisadores da fisiologia do

sexo voltam sua atenção e “eletrodos” para as relações homossexuais. Concluem que a homossexualidade pode ser “sadia” e, em alguns casos, que os homossexuais podem ser melhores amantes que os heteros.

MONEY, J., e TUCKER, P., Papéis Sexuais, Brasiliense, 1981. Discussão da psicologia clínica em torno dos aspectos sociais e biológicos na formação dos papéis sexuais.

NAZARIO, L., Pasolini, Brasiliense, 1982 (coleção Encanto Radical) Biografia do cineasta, ensaísta e poeta italiano que a certa altura discute o significado da homossexualidade na sua obra. Vale a pena ler.

OKITA, H., Homossexualismo: da Opressão à Libertação, Proposta Editorial, 1980. Livreto elaborado por militantes da Convergência Socialista tentando persuadir os homossexuais a se filiarem àquela organização ou ao P.T.

ORAISON, M., A Questão Homossexual, Nova Fronteira, 1977. Um padre, médico e psicólogo escreve positivamente sobre o assunto levando em consideração a posição cristã.

VÁRIOS AUTORES, Caminhos Cruzados, Brasiliense, 1982. Contém três artigos sobre a homossexualidade pelos autores deste livro, tratando da “fechação”, da homossexualidade na literatura naturalista e do caso de Febrônio índio do Brasil, que foi internado como louco em 1927, entre outras razões, por ser acusado de ser homossexual.

WOLFF, C., Amorentre Mulheres, Nova Fronteira, 1978. Uma visão psicanalítica simpática ao lesbianismo. Inclui considerações sociais também.

Deixamos de lado toda a parte de ficção, mas recomendamos os romances: Interlúdio em São Vicente, de João Silvério Trevisan; República dos Assassinos e No País das Sombras, de Aguinaldo Silva; Os Solteirões, de Gasparino Damata; A Meta, Crescilda e os Espartanos, Teoremambo e Nivaldo e Jerônimo, de Darcy Pentead; sem esquecer Bom-Crioulo, de

Adolfo Caminha. Há uma infinidade de obras de ficção tratando do tema e esta é, então, uma pequena lista pessoal composta estritamente de autores brasileiros. Uma lista mais abrangente, incluindo estrangeiros, não poderia esquecer nomes como André Gide, Marcel Proust, Jean Genet, James Baldwin, Radcliffe Hall, Robin Maugham, E. M. Forster, Christopher Isherwood, Gore Vidal, John Rechy, Tennessee Williams, William Burroughs, Margherite Yourcenar, Cavafis, Oscar Wilde, Fernando Pessoa, Shakespeare e muitos outros.

Existem vários trabalhos, de mais difícil acesso, que foram fundamentais na preparação deste livro.

# BIBLIOGRAFIA

- AUFTERHEIDE, P., 1973, "True Confessions: The Inquisition anti Social Attitudes in Brazil at the Turn of the XVII Century", *Luso-Brazilian Review*, 10 (2), pp. 208-240.
- CLASTRES, P., 1978, "O Arco e o Cesto", in CLASTRES, P., *A Sociedade contra o Estado*, Rio, Francisco Alves.
- DÉSY, P., 1978, "L'homme-femme", in *Libre*, pp. 57-102.
- FARADAY, A., 1981, "Liberating Lesbian Research", in Kenneth Plummer (Ed.) *The Making of the Modern Homosexual*, London. Hutchinson.
- KRAFFT-EBING, R. von, 1965. *Psychopathia Sexualis*, New York. Paperback Library.
- LAURITSEN, J. e THORSTAD, D., 1974, *The Early Homosexual Rights Movem, ent (1864- 1935)*, New York. Times Change Press.
- LOSERT, R., 1979, *A Palavra Mágica Dzi: Uma resposta difícil de se perguntar*, dissertação de mestrado, Unicamp, mimeo.
- MacRAE, E., 1982, "Os respeitáveis militantes e as bichas loucas", in *Caminhos Cruzados: Linguagem, Antropologia e Ciências Naturais*, vários autores, S. Paulo. Brasiliense.
- MEAD, M., 1969, *Sexo e Temperamento*, São Paulo. Perspectiva.
- MOTT, L. R. B., 1982, "Escravidão e Homossexualidade", trabalho apresentado no III Congresso Afro-Brasileiro, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, setembro de 1982, mimeo.
- MOTT, L. R. B., 1982b, "A Homossexualidade: Uma Variável Esquecida pela Demografia Histórica. Os Sodomitas no Brasil Colonial", Comunicação apresentada no 3º Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Vitória, mimeo.
- PIRES DE ALMEIDA, 1906, *Homossexualismo (A Libertinagem no Rio de Janeiro)*, Rio: Laemmert C.

- RAMALHO, J. R., 1979, *Mundo do Crime*, Rio. Graal.
- RIBEIRO, L., 1938, *Homossexualismo e Endocrinologia*, Rio. Francisco Alves.
- VEYNE, P., 1982, 'Z'homosexualité à Rome'; *Communications*, n° 35, Paris, Seuil.
- WEINBERG, G., 1973, *Society and the Healthy Homosexual*, New York, Anchor Books.
- WHITAKER, E. de A., 1938, "Contribuição ao estudo dos homossexuais", *Arquivos da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo*, vol. VII I, pp. 217-222.

# BIOGRAFIA

Peter Fry nasceu na Inglaterra, pesquisou na África, fez doutoramento em Londres e leciona Antropologia Social desde 1970 na UNICAMP. Foi um dos fundadores do jornal Lampião. Publicou *Spirits of Protest* (Cambridge University Press) e *Para Inglês Ver* (Zahar) e alguns artigos em jornais e revistas.

Edward MacRae nasceu no Brasil, estudou na Inglaterra onde se formou em Psicologia Social (Bachelor of Arts, University of Sussex, 1968) e em Sociologia da América Latina (Master of Arts, University of Essex, 1971). No momento termina seu doutoramento em Antropologia na USP, com tese sobre o grupo Somos/SP.

Just good friends, apenas bons amigos..